

A PROPÓSITO DE VESPÚCIO (*)..

Crítica ou sabotagem?

E' bem sabido que mais de um crítico sob o pretexto de encerrar uma obra objetivamente, traz sob a atitude assumida, outra finalidade que não a de definir qual a contribuição que ela oferece, e servir ao leitor. Será êste um dos referidos simulacros? Dando a seu trabalho o aspecto de síntese dos últimos estudos vespucianos, usa o geógrafo Giuseppe Caraci contra *América la bien llamada*, recriminações que não procedem de uma exame científico, nem se enquadram com o amplo conteúdo e com as novidades autênticas da obra (1). Inventa denominadores comuns, aplicados em tom de admoestação doutoral, a supostas falhas do conjunto, para minar a boa fé do leitor. Insídias impressionistas vituperam em massa os *métodos usados* e as *provas feitas*, e sendo estas vias e aquêles frutos do pensamento, como o sistema circulatório de um organismo, e seu próprio sangue, equívalem a sugerir que uma artério-esclerose generalizada mina o livro em seu âmago. Felizmente, para quem quiser conhecer a verdade, bastará abrí-lo, não dizemos lê-lo, mas simplesmente percorrê-lo, para descobrir em cada página evidências que trituram essa intenção malévola.

I. — *Inspiração e antecedentes da diatribe.*

Estranho nos pareceu que semelhante atitude procedesse de uma autoridade, tão visível é a paixão dos julgamentos, o afã de rebater, o atrevimento em tergiversar, o desdém pela própria responsabilidade frente ao leitor, e a falta de domínio da matéria. E, já que se "conhece a árvore pelos seus frutos", procuramos a bibliografia do crítico. Pelo gênero da atividade e abundância de obras, pela vocação e pelo grau de cultura, formaríamos uma idéia da solvabilidade desse prepotente dogmatismo: E' tanto o que preceitua em questões de regras e normas, que pensávamos descobrir uma série de livros sôbre métodos, história e geografia, naturalmente vinculados a descobrimentos do século XVI, cartografia ou historiografia americana, e quiçá, alguma coisa sôbre náutica... Iludiamo-nos. O *único* livro do autor — que já conhecia-

(*).. — Tradução do texto espanhol pela Licenciada Sônia Aparecida Siqueira.

(1). — *Revista de História*. São Paulo, n.º 12, 1952.

mcs — consiste numa coleção de 11 mapas antigos, dentre os quais 5 anônimos e 3 do novo mundo, todos amplamente comentados (2). Além dessa recompilação, de consulta útil, seu haver intelectual é composto de artigos para revistas especializadas, particularmente o *Bollettino della Società Geografica Italiana*, a *Rivista del Touring Club Italiano*, a *Rivista Geografica Italiana* e outras publicações nacionais e estrangeiras referentes à hidrografia, geologia, turismo, geografia, cartografia, e, nessas matérias, sobre inúmeros assuntos. Essa atividade enciclopédica se estende ao universal, pois é prodigalizada à Bulgária, Suécia ou Egito, da mesma maneira que à Polônia, China, Holanda e outros países (3). Não notamos nessas monografias nenhum interesse pela história ou pela geografia, navegações ou conquistas da América, tão pouco por Vespúcio (4). Como exceção que confirma a regra, existe uma nota de sua autoria enaltecendo o trabalho de Magnaghi sobre o florentino (5), e depois, até 1951, quando escreveu sobre *América la bien llamada*, ou seja, durante 25 anos, parece não haver voltado ao assunto. Pouco a pouco vai se refazendo. Lançou sua primeira nota, alçando bandeira de guerra, no *Bollettino della Società Geografica di Roma* (6), falou da maneira hostil no Congresso de Geografia Nacional de Turim (7) e na recente convenção colombiana de Gênova (8) onde, aliás, apresentou um trabalho (9). O que passamos a comentar nesta *Revista de História de São Paulo* é alguma coisa assim como uma “salada mista” dos anteriores, e cremos que na sua fábrica vão salgando-se os restos, em latas esperantistas, destinadas a esquimós e a zulús!

Esse desperdiçar-se em improvisações sobre os mais variados assuntos não contribuiu para conferir ao autor aquêlê senso de delicadeza e respeito aos leitores que caracteriza os grandes críti-

- (2). — *Tabulae geographicae vetustiores in Italia adservatae*, 3 vol., Firenze, 1926.
- (3). — *Le variazioni della popolazione in alcune parti delle Alpi occidentali nell'ultimo secolo*. Firenze, 1916 (R. G. I.); *Il P. Matteo Ricci e le carte speciali della China nelle collezioni di Ortelio e di Mercatore*. Roma, 1918 (B. S. G. I.); *Gli Studi di italiani sulla storia dell' Egitto dopo Alessandro*, Roma, 1926. Extra. de *L'opera degli Italiani per la conoscenza dell'Egitto*, etc.; *Osservazioni geologiche e morfologiche in Bulgaria*. En la Memoria Geologica e Geografica di Giotto Dainello, vol. III, Firenze, 1933; *Suezia en Touring Club Italiano*, Milano, 1934; *Spagna dei Portogallo*, idem *Storia della Geografia: geografia storica e toponimica*, in Società Italiana per el progresso delle scienze; *Un secolo di progresso scientifico Italiano 1839-1939*, Roma, 1939; *Colonie italiana in Romania* (R. G. I.), Firenze, 1935; *Sul concetto geografico di Polonia* (R. G. I.), Firenze, 1916; *Danimarca e Islandia* (T. C. I.), Milano, 1934; *Disegno geografico della Bulgaria*, en Publicazioni dell'Istituto per l'Europa Orientale, Roma, 1933; *L'Asia*, Torino, 1939. *A proposito della descrizione di una grotta nelle leve del Vesuvio*, Firenze, 1925; *Di alcune carte nautiche olandesi recentemente ritrovata*. L'Universo, Firenze, 1918; *Lombarde e l'origine della corte*, Roma, 1932; *Note di Metodo e dati di fatto a proposito di antiche carta portoghesi* (R. G. I.), Firenze, 1935; *L'Insegnamento della geografia nelle nostre scuole*, in *Problemi della Scuola Media*, Firenze, 1938, etc., etc.
- (4). — *Nuova luce sull'opera e la figura di Amerigo Vespucci* (R. G. I.). Janeiro-abril, 1925.
- (5). — Alberto Magnaghi: *Amerigo Vespucci*, 2 vol. Firenze, 1924.
- (6). — Setembro-outubro, 1951 e novembro-dezembro, 1951. *I Problemi Vespucciani e i loro recenti studiosi*.
- (7). — Abril, 1950.
- (8). — Março, 1951.
- (9). — Convenção Colombiana de Gênova. *Studi Colombiani*. Tomo II, pág. 495. Gênova.

cos, presos por sua consciência à confiança ganha. Parece sim, ter estimulado arroubos temperamentais, e uma prosa expansiva e agressiva que se descamba com a impunidade. Nada disto — consta — seria entrave a que valorizássemos as impugnações que comentamos, se tivéssemos encontrado nelas algo de justo ou de sincero. Mais ainda; seríamos os primeiros a agradecer-las, pois bem-vinda seja a verdade histórica, venha de onde venha; mas, depois de simular no exórdio, a *aparência* de uma crítica, revelam destinar-se a: 1.º) manter de pé tôdas as fantasias de Magnaghi; 2.º) conjurar o perigo das repulsas que dirigimos à obra dêsse escritor; 3.º) obstruir nossas provas com reparos contrários à verdade visível; 4.º) inventar teorias pueris, cuja aplicação impressione ao público, com o que os franceses chamam um *éreinement*.

Não são poucos os que em uma controvérsia abusam dos leitores que não têm à mão os livros necessários para verificar o que foi dito, e como aqui se trata de distinguir entre as discrepâncias *vendo-as*, têm estas páginas por objetivo ajudar a compreender êsses testemunhos, definir as inovações que elas trazem, desfazer os subterfúgios e as investidas da polêmica, e persuadir que as conclusões de *América la bien llamada* representam, como reconheceu a crítica fidedigna e serena, um passo à-frente, talvez pequeno, porém seguro, em alguns aspectos dos problemas vespucianos.

O historiador que segue a verdade, por si mesma, e não crê, como Maquiavel, que o fim justifique os *mezzos*, age num plano muito diverso daquele que vai, aventurosamente, com a intenção de encumear um personagem preferido, salvando-o de riscos imaginários. Nosso livro foi escrito sem prejuízo de qualquer natureza, repudiando, de passagem, as teses deformadas por paixões nacionalistas. O ponto de vista dos estudiosos do novo mundo não coincide, comumente, com as exaltações patrióticas ou ódios dos atuais descendentes dos nautas, guerreiros e fundadores da América. A sentimentalidade dêstes, torna-os parciais às vezes, levando-os a exagerar o próprio e a menosprezar o alheio, quando não lhes é possível atribuí-lo a si mesmos. Cada nação dá valor ao que é seu; nós ao conjunto. Assim, em nosso trabalho interessaram-nos, igualmente, os descobrimentos, a história e a cartografia, procedentes de italianos e de espanhóis, como de portugueses. Quis a sorte que na nomenclatura dos mapas descobríssemos verdades que robustecem, com provas irrefragáveis, os títulos de Vespúcio para ser considerado o descobridor do Rio da Prata e da Patagônia. *Provas*, repetimos, não conjecturas, inferências, suspeitas ou utopias.

O crítico permaneceu alheio a êsses estudos. Daí segue-se que seus artigos e discursos contra *América la bien llamada* ofereçam os defeitos típicos das improvisações que carecem de maturidade, medida, justiça e profundidade. Antes endeusou na apo-

logia; agora se excede em acrimônia sincera ou afetada, provindo seus abusos do não sujeitar-se a disciplina alguma. Persiste na finalidade de encarar tudo ao contrário, conturbar os fatos, defraudar as provas, desviar os métodos, diminuir a hierarquia do autor, em suma, desmerecer o livro. Sòmente encontra em nossas páginas, “carência de precisão e de agudeza” e “pletora de loqüazes divagações”. Apenas para dar “uma idéia concreta do sentido crítico posto em ação por Levillier”, consagra páginas e páginas a Cananéia e três topônimos mais, tema que desloca de sua posição subalterna, para conservar na sombra os têrmos de importância e deslustrar as conclusões. Tão pouco lhe agrada nosso estilo: “o tom oratório e enfático, asseverativo e peremptório do seu frasar, trai por si só um temperamento avêssô à crítica, e insusceptível de domínio; a fantasia excitada não conhece sempre os limites de uma refletida e prudente coerência na sua reconstrução”. E’ pena que não tenha indicado tais parágrafos, pois parece remontar-se a si próprio...! Benèvolamente nós aconselha o arrependimento “depois do que poderá, esperamos, ser capaz de escrever por sua vez alguma coisa séria e meditada”! Mas se êsse Pico de Mirândola não julgasse nossas objeções ao livro de Magnaghi um sério perigo para seu protegido, teria êle tanto trabalho para conjurar seus efeitos? Um dos ataques mais vindicativos, nos parece êste: “O autor iludiu-se pensando que poderia compensar a falta de acume com a intemperança de uma linguagem que não raro, excede os limites impostos pelo respeito que é *sempre* devido aos que não pensam como nós”. O sublinhado de *sempre*, é nosso, para destacar o imediato desmentido dado por êle à sua própria teoria, com esta atrabiliária impertinência: “Da tentativa de Levillier como de muitas outras em todos os tempos, é fácil prever que uma justa avaliação será retardada por *apressadas ou interessadas apologias*”!!! E’ ver poeira em olhos alheios, pois se um dia chegar a afastar dos seus êsse par de viseiras que o põe meio cego, pode ser que lamente essas palavras chocantes de *apologias interessadas*. Não alcança os críticos renomados, que emprestaram ao seu julgamento êsse mesmo espírito superior, elevado e cristalino que corresponde às suas personalidades: recaem os seus *ex-abruptos*, como um *bomerang*. Mas sirva essa atitude contraditória para que nos inteiremos do quanto valem suas palavras. Por um lado, um puritanismo que deslumbra, e, ato contínuo, o esquecimento da simulação, para investir sem respeito nem tolerância contra aqueles que não pensam como êle, nem como seu mestre.

Parece que nos prejudicou muito “a incompreensão demonstrada para com o imponente trabalho realizado pelo nosso Magnaghi”. Aí está a mão do cordeiro: a heresia de havê-lo censurado tão reiteradamente, sendo sua solução tão *revolucionária e pacificadora*. Porém, êsses adjetivos nos deixam indiferentes, nós os postergamos a outro ideal: a verdade é que nós não subordinamos

a nenhum conceito, a *mezzo* de história dirigida. Divagações e vaguidades genéricas são os nomes que êle aplica às nossas refutações. Deveríamos, segundo sua opinião, tê-la estendido a cada tema de Magnaghi, um por um. Não havia motivo para isso em *América la bien llamada*. Nosso conceito de história originário, não de receituários teóricos, mas sim do próprio trabalho, não poderia tolerar a eliminação de duas cartas e de duas viagens de Vespúcio, com pouco mais que suspeitas e inferências duvidosas e uma abundante dialética destituída de testemunhos convincentes. Era para nós tão grave em suas conseqüências a atitude do professor de Palermo, como se êle mesmo houvesse decidido retirar-se da bibliografia histórica. Daí partem nossas objeções e suas conseqüências: as represalias exasperadas do efervescente crítico. Notamos nelas, novamente, como na rudeza antes citada, uma contradição aberta entre o que faz e o que escreve. Não há compatibilidade entre o afincado empregado em desacreditar nossa obra e o alarma que sente pela tese de seu amigo, pois vêmo-lo abrir caminho, levar sua palavra como um facho do corredor olímpico, de cidade em cidade, de congresso em congresso, e de revista em revista, para ampará-lo ante a opinião pública. E' o caso de aplicar o refrão: Magnaghi é o imprudente, é êle o cego que não quer ver. Assim são os improvisadores; exageram tudo. Êle foi o primeiro em 1925 a enaltecer incondicionalmente a solução operatória de Magnaghi e a se compadecer dos que não a tivessem idealizado (10). De acôrdo com seus arroubos de entusiasmo, pouco ou nada existia na bibliografia vespuciana antes dessa transfiguração. Humboldt, que acreditou nas quatro viagens e na *Lettera e Mundus Novus*, não soube atingir seu alvo, HARRISSE e VIGNAUD, ficaram "abbagliati dal miraggio della tradizione" e VARNHAGEN sofreu nada menos que de "aberrazioni critiche" (pág. 34). Depois de exaltar ali a Magnaghi, com um panegírico que êste não teria podido superar, escrevendo-o pessoalmente, voltou-se novamente para Humboldt, para situar seu modelo no único nível digno dêle. Assim reza a perorata:

"e una nobile factica degna di figurare accanto alle maggiori di cui s'è fatto cenno, como quella che representa indubbiamente il contributo piu serio, piu original, piu completo che alla questione sia stato portato dall Humboldt in poi..."

Bravo pela mesura! Contudo, se o hino de boas vindas ao excelso, e a iracúndia da agressão que comentamos, estão embuidos do mesmo espírito hiperbólico que desproporciona os valores, podemos conceder-lhes circunstâncias atenuantes em razão da mentalidade utópica de ambos os homens e a amizade que entre êles existiu, mas tal sentimento digno de Castor e Polux não interessa à ciência histórica. Magnaghi não vacilou em desqualificar sem provas — demonstrá-lo-emos em outro trabalho — a res-

(10). — *Nuova luce*, etc. (R. G. I.). Janeiro-abril, 1925.

peito da fama de Vespúcio vários documentos e fatos transcendentes que edificam o passado da América e são de propriedade *Dela*. E hoje, seu acólito para devolver um sôpro de vida à obra declinante de seu amigo, rebela-se contra provas e conclusões que garantem os títulos do florentino de ser considerado descobridor do Brasil meridional, Uruguai, Rio da Prata e Patagônia. Tão pouco é história essa cegueira hostil à glória do nauta, e ficamos atônitos ante os irascíveis assaltos e os malévolos fingimentos com que agride a *América la bien llamada* e suas conclusões. Veio-nos à mente êsse parágrafo tão conhecido dos *Diálogos de Platão*; o assombro de Sócrates ao ouvir a requisitória de seus inimigos: “Como, ó Atenienses! — disse — fôstes afetados por meus acusadores, não posso dizer; mas quase me fizeram olvidar quem era, tão persuasivas eram suas palavras, e, no entanto, pronunciaram apenas uma que fôsse verdade...”

II. — *Estratagema para deformar a visão da verdade.*

O trabalho se desenvolve de preferência contra a prova cartográfica da terceira viagem e os elementos que a constituem, pretextando que os mapas, sobretudo os anônimos, são testemunhos discutíveis; que sua valorização foi feita sem distinções, que o autor ao utilizá-los não respeitou preceitos ineludíveis para que sejam aceitáveis, e que as conclusões não satisfazem. Ademais, não basta a cartografia para resolver êstes problemas; é preciso levar em conta, também, as cartas de Vespúcio e documentos de outras procedências, o que, segundo êle, não fizemos.

A prova de que o Jordan é o Rio da Prata teve a adesão quase unânime por parte das sociedades científicas, historiadores, geógrafos e especialistas em cartologia. O quadro A. revela que ela é materialmente incontestável, pois os próprios mapas a constroem e mantêm. Não obstante, a crítica rouba importância à equivalência a que se chegou, e deixa de passagem, em algumas linhas, que ela já estava explícita no livro do nosso *Magnaghi!!* Pode o leitor procurá-la, não a encontrará. Ao contrário, nesse ponto, êsse autor nunca ultrapassou conjecturas e dúvidas. Quanto a Cananor, não é o que demonstramos: um pôrto na Patagônia a 46°, mas o que pensavam os predecessores, o equivalente de Cananéia. Mas nenhuma dessas saídas a que recorrem os vencidos quando já não sabem o que dizer é tão irrisória quanto a suposição de que de um nome se fizeram dois: com Cananéia, percorrida em direção N., e Cananor empurrado para o S., depois dos primeiros mapas!! Para dar pelo menos um ponto de apóio aparente a êsse *bafouillage*, recorre a convenções setenciosas, em virtude das quais exige da prova garantias exorbitantes. Assim, graças à falta de preenchimento dessas condições de sua busca, deduz que está mal fundamentada e que não satisfaz. Iremos tirando dessa vitrina de curiosidades, algumas máscaras:

“Não há dúvida de que a primeira historiografia vespuciana ignorou ou menosprezou a contribuição que lhe teria podido advir do estudo da cartografia contemporânea, mas isto não autoriza a fazer, como acontece no livro de Levillier, um elemento de juízo tão exclusivo e peremptório, a ponto de fazer-nos passar por cima, com divagações retóricas ou com lugares comuns genéricos, de tudo quanto se refere a todo o restante material documentário” (pág. 322).

Abra o leitor a obra onde queira, e comprovará a grande diversidade de fontes usadas na evocação de cada viagem. Reconhecerá assim, a falácia da nota, de que o elemento de julgamento foi exclusivamente cartográfico. Por exemplo, sobre o gráfico do périplo de 1501-1502 (*América la bien llamada*, vol. II, pág. 33) aparecem estampados trechos escritos por Vespúcio, comentados no texto, que concretizam a origem dos elementos com os quais os construímos: a carta do Cabo Verde para toda a primeira parte da navegação, *Mundus Novus* e a *Lettera* para tudo o mais. Nos quadros grandes de topônimos (vol. II, pág. 136 a 140) indicamos como fontes e usamos conjuntamente com os mapas, os diários dos pilotos e nautas. Sem o auxílio desses documentos e somente com os portulanos, teria sido impossível indicar o que foi percorrido do litoral, explicar as circunstâncias e marcar as etapas e suas datas. Esta picardia não é exceção; é um exemplo nada mais, do método de desfocalização adotado ao largo da crítica. No prólogo de nossa obra anunciamos o invariável entrelaçamento de cartas, relatos de viagem e mapas. Os testemunhos aqui reunidos, dizíamos referindo-nos a Vespúcio, revelam: 1.º) que seus relatos das expedições de 1497 e 1499 estão concordes às linhas de costas perceptíveis nos primeiros mapas de 1500 e 1502; 2.º) que cartas geográficas dos séculos XVI ao XIX, pela primeira vez classificadas em períodos, revelam irrefutavelmente a existência e a extensão do 3.º périplo; 3.º) que enlaçando sua lição à que foi dos relatos vespucianos da viagem, às navegações posteriores e aos acontecimentos derivados das rivalidades entre Espanha e Portugal, resulta como autêntico o itinerário do florentino... etc. Mais adiante acrescentamos: do entrelaçamento constante de mapas, cartas e diários de viagens se deduz que nenhum outro nauta dessa época andou tanto por ambos os hemisférios; nenhum cronista, exceção de Colombo, pensou como êle, nesse tempo, no grande serviço de deixar escrita para a humanidade a história desses contactos iniciais, em terras e entre raças desconhecidas; nenhum cosmógrafo ilustrou, como êle o fez, aos sábios, sobre os mares, estrelas, tempo e clima, e foi êle o primeiro a descobrir (em *Mundus Novus*) a continentalidade, ou seja a parte física do Novo Mundo, informe que modificou os conceitos universais da relação da água com a terra, etc. (XVII). Mais adiante: a análise (portulanos e cartas marítimas) tendo se iniciado em uma selva virgem, terminou deixando clareiras por onde agora se vê melhor. Está claro que não bastavam as cartas geográfi-

cas. Era preciso retroceder no tempo para focalizar os feitos navegatórios de Vespúcio dentro de um conjunto já melhor aclarado. Surgiu dos mapas, pelos nomes, a prova do descobrimento em 1502, e das cartas do florentino, o rumo; as línguas e as graduações de latitude: o itinerário. A concordância é um fato... Vespúcio, como Colombo, relatou suas viagens e relatou-as bem. E, algumas de suas cartas constituem a única coisa que se sabe dos grandes périplos que sem ele se ignorariam... mapas que se esclarecem com elas confirmam a veracidade do florentino (XVIII). Em seguida acrescentávamos: esta obra é ao mesmo tempo uma investigação histórica e uma análise geográfica, pois esquadrinha na cartografia e nos relatos, os resultados autênticos das navegações, e assinala a esturdia dos retoques ou dos erros desses instrumentos que eram, nas mãos dos governos, parte integrante de suas alegações territoriais (XXIV)... A união de fontes diversas é contínua. Aludindo aos périplos dessa época, dizíamos: continua sendo difícil saber-se precisar os roteiros porque as descrições e as alusões a acidentes geográficos, feitas pelos navegantes, são geralmente vagas e as longitudes, latitude e distâncias quase sempre inexatas. No entanto os dados antigos, a análise serena dos cronistas alheios ao apaixonamento de pricidades, e, além disso, o confronto dos mapas da época com essas referências escritas, particulares e oficiais, levam-nos à convicção de que teve lugar a viagem de 1497 referida por Vespúcio (I-89).

Depois de ter escrito que a principal luz para nos enteirmos da primeira viagem é a *Lettera*, de Vespúcio, consagramos outras páginas à análise de seu relato, ao itinerário, aos juízos sobre essa carta por parte dos predecessores, e às fantasias de Magnaghi, que pretende afastá-la por apócrifa. Apresentamos e discutimos, em seguida, os mapas que nos parecem corroborar o conteúdo da *Lettera*, e a maneira pela qual Varnhagen interpreta o itinerário indicado nessa carta (I-90-106).

No capítulo intitulado "Vespucio relata el descubrimiento del Brasil por un barco de Hojeda en el cual iba" (I-107) destacamos a bibliografia da segunda viagem, insistindo em que a fonte mais segura é o segundo relato da *Lettera*. Com ela reconstituímos o itinerário e os mapas, mas por ser impossível separar o périplo dos que lhe foram contemporâneos, com apenas meses de distância, como os de Colombo, Vespúcio, Hojeda, os de Pinzón, Lepe e Velez de Mendoza, comentamos no seu conjunto a cartografia que ratifica a veracidade desses descobrimentos, refutando com o apóio do processo de Colombo, cartas de Vespúcio, cédulas dos Pinzón, e julgamentos de cronistas, os esforços de Duarte Leite para tratar aos pilotos espanhóis como falsos precursores (11). Da terceira viagem ocupar-nos-emos mais adiante, e quanto à quar-

(11). — *Historia de la Colonización del Brasil*. Pôrto, 1923.

ta, não tendo sido possível até agora vincular sua relação na *Lettera* a nenhum mapa, é essa *carta* de Vespúcio, confrontada com documentos escritos da época, a *única fonte* que permite uma reconstituição, verídica, por muitos motivos. E isto o crítico o sabe, tem-no sob suas vistas, pois tal o interesse atribuído por nós às cartas, que em 1951, para difundir os antecedentes mais persuasivos da veracidade das viagens de Vespúcio, dedicamo-lhes um estudo especial, e apresentamo-las, com intenção de aumentar o número de seus leitores, em italiano, castelhano e inglês (12). Esse livro é conhecido pelo crítico, pois foi discutido na Convenção de Gênova desse mesmo ano por seu Presidente, o Prof. Paolo Revelli (13). Não pode, portanto, ignorar que as primeiras linhas dizem:

“Las cartas de V. spucio siguen siendo antecedentes capitales en la historia de los descubrimientos marítimos del Nuevo Mundo. De su autenticidad y de la certeza de su buena fé, pende el cabal conocimiento de sus viajes”

e referindo-nos, em seguida, à prova cartográfica feita para a terceira viagem, acrescentamos:

“el esclarecimiento introducido ahora en los nombres de sitios, la rectificación de sus justas latitudes y el nuevo valor dado a ciertas concordancias entre la toponimia corregida y expresiones de las cartas de Vespucio, iluminan el itinerario, etc.”.

América la bien llamada nem em documentação escrita, nem em apóio cartográfico é unilateral; associa os antecedentes hábeis, e se o lugar ocupado pelos mapas predomina em certa parte da obra, é para contrastar com predecessores que podendo recorrer a todos êles, desde fins do século XIX, se limitaram a mencionar alguns, sem reproduzi-los, ou se abstiveram de sondar as toponímias. E' também porque em certo momento, os mapas, e sômente êles, trazem as provas de interpretação que há muitos anos se procuravam em vão. A idéia de utilizá-los, em grande escala, num livro de história náutica, surgiu do estudo da época, desde Henrique o Navegante, até Colombo, e se propagou pouco a pouco pela riqueza do veio e a freqüência com que se preenchiam os vazios da documentação escrita. *América la bien llamada* não é uma biografia de Vespúcio, título que imporia outra estrutura e outras obrigações. Tão pouco é um *Monumenta Cartographia Americana*, porque numa obra dessa natureza devem ser incluídos todos os mapas em ordem cronológica e assinalarem-se as toponímias completas. E' um ensaio de conjunto sôbre os descobrimentos preliminares da América e a unidade dos feitos de

(12). — *El Nuevo Mundo*. Editorial Nova. Buenos Aires, 1951. (Veja-se na pág. 46, a 4a. viagem).

(13). — *Actas de la Convención Colombiana*. Gênova, 3 vol. 1951. Vide vol. III, pág. 649, do trabalho do Professor Paolo Revelli, *Nuovo contributo de Roberto Levillier allo studio della fonte piu antiche sulla viaggi del Vespucci*.

além-mar, donde provém as narrações escritas, nas quais se enca-deiam os périplos, se esclarecem as narrações esboçadas, nas quais vão surgindo as costas descobertas.

O primeiro a compreender a essência da obra e a sua finali-dade foi o Prof. Roberto Almagiá, titular de Geografia na Uni-versidade de Roma, Diretor do *Instituto de Geografia* da mesma, Vice-Presidente da *União Geográfica Internacional* e Secretário Geral da *Accademia Nazionale del Lincei*. Esta autoridade mun-dial em cartografia histórica (14) que acaba de ser agraciado em 1952 com o Grande Prêmio Mac Callum da *American Geographi-cal Society* (15) disse, ao apresentar nossa obra na Classe de Ciên-cias Morais e Históricas da referida Academia:

“e a proposito dell: scorpeta dell’Argentina che il Levillier si e imbattu-to del nome del Vespucci. L’opera che oggi qui se presenta non tratta peral-tro solo del navigatore fiorentino, ma di tutto il periodo iniziale del viaggi tranoceanici onde e fatto largo posto anche a Colombo ed ai primi che mossero sulla sua scia. Tra questi il Vespucci ha tuttavia il posto d’onore, perche egli e il primo navigatore che tocco el spiagge dell’actuale Argentina, e dunque lo scopritore dell’Arg ntna (16).

Pouco tempo depois, apresentou o livro à *Società di Studi Geografici* da Itália, destacando:

“che il peso maggiore e la piu decisiva importanza e data dal Levillier ai documenti cartografici sincroni, che egli examina comparativamente con maggior ampiezza di quanto no era stato fatto da alcun predec:dente studio-so, prima da soli e independentimiente dai testi, e in segui:to a suffragio dei testi, segnalando egli stesso che proprio l’esam: cartografici costituisce la parte fondamentale e piu originale del suo lavoro...” (17).

Como vemos, pois, usar com prodigalidade um tipo de pro-va não é excluir os demais elementos, nem sequer subordiná-los. Quis o acaso que a novidade de transcendência resultante da co-nexão, surgisse dos mapas e não das cartas. Isto é o que natu-ralmente se fêz prevalecer na prova. E porque a crítica tacha essa predominância da cartografia de elemento de julgamento ex-cludente dos demais, lembraremos, protestando contra essa fal-sidade, que sempre, ao longo de cada uma do conjunto de nossas obras, fomos ao mais profundamente possível das fontes, utili-zando-as reunidas, como em *América la bien llamada*.

Desde nosso primeiro livro (18) propusemo-nós a desentra-nhar com uma documentação inédita, as idéias diretrizes da colo-nização americana, os fatos e os homens responsáveis pela obra es-

(14). — Suas principais obras são: *Monumenta Italine Cartographica* (1929); *L’Opera del genio italiano all’estero*. Roma, 1937; *Monumenta Cartographica Vati-cana*. 1.º vol. Roma, 1944. 2.º vol. 1952 e muitíssimas colaborações em revistas científicas italianas e estrangeiras.

(15). — Veja-se *American Geographical Review*. New York, dezembro de 1952.

(16). — *Rendiconti*, 11 de maio de 1950.

(17). — *Rivista Geográfica Italiana*. Florença, setembro de 1950.

(18). — *Orígenes Argentinos*, 330 pág. Fasquelle, Michaud. Paris, 1912.

panhola na Argentina. Documentos por nós pesquisados e publicados em séries durante anos, em mais de 30 volumes, revelaram autores, idéias e antecedentes históricos até então desconhecidos (19). Obras novas que construímos com eles revelaram a origem das fundações e dos fundadores, o papel da religião, os laços de união da Península com os Governos, e simultaneamente os déstes com os vizinhos, as autoridades vice-reinais e as Audiências nos problemas de jurisdição territorial, justiça, legislação, “encomiendas” e índios. Foi precisamente êsse método de historiador: acumular testemunhos, ordená-los por famílias e dentro de cada uma, situá-los cronologicamente, analisá-los um a um em seus diferentes aspectos, e compará-los com outros no tempo, o que nos permitiu determinar sua veracidade e suas mentiras, e valorizá-los tanto por sua forma externa como por seu conteúdo, antes de utilizá-los, já então com segurança (20).

Com idêntico procedimento interpretamos na cartografia antiga da América Meridional, o sentido dos nomes-chaves e a evolução dos contornos, e associamos êsses dados às viagens das quais calculamos que derivavam, sendo às vêzes as conclusões sômente prováveis, e, em outros casos, decisivas. Um dos trabalhos mais penosos, e por sua vez o mais feliz, resolveu o problema do rumo de Vespúcio em sua viagem de 1501-1502, assim como o de seu término, graças a uma análise da toponímia, praticada através de quase tôda a cartografia do século XVI, e unicamente com mapas de autenticidade proclamada há muitos anos por cartólogos dos mais ilustres. *América la bien llamada* não se encontra isolada em nossa produção; completa a história da Argentina no século XVI, e *El Nuevo Mundo*, com o estudo das seis cartas apresentadas em três idiomas, amplia o conhecimento de sua abertura ao mar.

Resulta, pois, numa situação bastante irônica, que ante êsse trabalho histórico de 40 anos e de mais de 40 volumes, onde, com método inexorável buscamos às mais diversas fontes, se apresente pontificando sôbre normas e regras, para estruturar livros como se deva, quem em sua vida não seguiu nenhum mé-

-
- (19). — Veja-se: *Colección de Publicaciones Históricas de la Biblioteca del Congreso Argentino*, dirigida na Espanha pelo autor; *Correspondencia de la ciudad de Bs. Aires con los Reyes de España*. Tomo I, 471 pág. II, 380, III, 550. 1918; *Correspondencia de los Cabildos de la Gobernación del Tucumán*, 502 pág. 1918; *Correspondencia de la Audiencia de Charcas*. Tomo I, 787, pág. Tomo II, 615 pág. Tomo III, 580 pág. Madrid, 1922; *Organización de la Iglesia y órdenes religiosas*. Tomo I, 800 pág., Tomo II, 352 pág.; *Probanzas de méritos y servicios de los conquistadores de Tucumán*, Tomo I, 665, pág. Tomo II, 664 pág.; *Papeles de Gobernantes del Perú*, 14 vol. 1921-1926; *Papeles de la Audiencia de Lima*, 434 pág.; *Papeles Eclesiásticos del Tucumán*, Tomo I, 454 pág., Tomo II, 466 pág. Madrid, 1928.
- (20). — *Nueva Crónica de la Conquista del Tucumán*. Tomo I, 277 pág. com 11 mapas e 115 ilustrações. 1926. Tomo II, 372 pág. 60 ilust. Tomo III, 432 pág. 29 ilust. 1926-1931; *Biografía de Conquistadores del Tucumán*, 275 pág.; *Chile y Tucumán en el siglo XVI*, 133 pág. 1928; *Don Francisco de Toledo, Supremo Organizador del Perú*. Tomo I, 494 pág., 60 ilust. T. II, 744 pág. T. III, 592 pág. 1935-1942; *Descubrimientos y población del N argentino por españoles del Perú*, 212 pág.; *Guerras y conquistas en Tucumán y Cuyo*, 209 pág. Buenos Aires, 1945.

todo para isso que se chama *construir*, simplesmente porque ao limitar-se a monografias críticas e descritivas, e a artigos de revistas, não teve necessidade do que corresponde a livros orgânicos. A técnica não é teoria, vem a ser para os autores o que representa a vida do interno para o futuro médico. Pode-se improvisar, não há dúvida; mas somente se elabora bem com a constância no exercício do mesmo ofício. Não sendo assim, o artesão não atinge a maestria e permanece um “Jack of all trades and master of none”. O inflamado ditador de métodos nos recorda a lição que nos referiu há alguns anos o ilustre escritor Francisco Rodriguez Marin, dispensada por um prático a um teórico. O redator de uma revista taurina mantinha palestra com uns amigos, e ponderava a facilidade de um lance do torear. Ao ver sorrir-se um matador, perguntou-lhe: “Ouve, isto não é assim?” O perito respondeu-lhe: “Assim é, todavia falta-lhe um “que”. “Mas então o que lhe falta?” perguntou aquêle. Ao que respondeu o andaluz: “Fazê-lo”. . . Aquêle crítico toreada com palavras, e êste teoriza em história, com axiomas e conselhos que procedem de palpites. Êste é um dêles:

“antes de se aproveitar um documento é necessário apurar e avaliar o seu grau de autenticidade e de atendibilidade. Sem esta operação preliminar não se reconstitui nenhuma espécie de história, sob pena de vê-la constantemente posta em dúvida e contestadas suas eventuais conclusões. . .” (pág. 317).

Assombra a candor desta exortação. E' como vir a ensinar-nos depois de milhares de anos de experiência da humanidade, “que nem tudo que reluz é ouro”, ou reiterar o que já é sabido que “melhor é prevenir do que remediar”, ou advertir gravemente que convém verificar-se se o fósforo tem cabeça, para não riscá-lo inutilmente. . .

Êste outro rasgo de sapiência não é desperdiçado tão pouco:

“os diversos elementos de que se faz uso devem ser todos examinados e que nenhum seja deliberadamente eliminado a não ser que apresente falta de atendibilidade. . .” (pág. 322). Isto é como que recomendar às cozinheiras que separem a pimenta quando reunem os elementos “atendíveis” para um creme, ou recomendar aos cartólegos que não empreguem mais os globos de Toscanelli e de Behaim, quando quiserem mostrar o-mundo, porque neles não estão as Américas! . . . Esta última luminaria se aperfeiçoa com êste fogo de artifício: “Quando se retoma um problema para dar-lhe uma solução em determinado sentido, é forçoso preliminarmente desmbaraçar-se de tôdas as provas reais ou presumidas aduzidas em contrário” (pág. 330).

Esta fórmula, como as anteriores, ou é inventada para um ataque a que servirá de apóio, ou é de teorizante alheio à estrutura de livros. Ficariam loucos os historiadores e biógrafos, se ao tratar dos problemas latentes em grandes acontecimentos como a Guerra dos Cem Anos, as lutas da Itália com a França e Espanha, o descobrimento da América, a Revolução Francesa, ou de livros como a Divina Comédia, ou o Quixote, ou de personagens como Lutero,

Isabel da Inglaterra, Filipe II ou Napoleão, tivessem de começar discutindo um por um para o leitor todos os julgamentos dos predecessores! . . . A atenção que um novo autor deve prestar à bibliografia passada é relativa, e de seu assunto depende a seleção. A ninguém, tanto quanto a ele convém *conhecê-la* tôda; mas é direito seu, discriminar e utilizar *a que ele quiser*, sendo sua, também, a responsabilidade em que incorre, se prescinde de algumas obras capitais, ou há injustamente preferência a outras. Com o tempo a opinião pública dará seu veredicto, mas revelar e discutir tudo, conduziria ao absurdo de converter os estudos em enciclopédias.

Os preceitos que acabamos de comentar, se fôsem sinceros, seriam trivialíssimos; ou foram fabricados para sustentar os ataques dirigidos pela crítica ao livro, e nesse caso são maliciosamente tendenciosos. A falha de Magnaghi foi precisamente separar, sem garantias e seguranças suficientes, cartas e viagens de Vespúcio. Pareceu-lhe que com êsses elementos de um velho litígio, já se havia tentado tudo, tudo já se havia dito, que eram igualmente ambíguos, e que existia o direito de tratar o corpo que formavam como se fôra o de um edifício demasiadamente restaurado. Indulgente consigo mesmo, tomou a liberdade de suprimir, à sua vontade o que lhe parecia suplementar, deixando, em troca, de pé o que julgava essencial. Cortou à direita e à esquerda, com uma finalidade: reduzir a aparência da obra total do florentino, para salvá-lo do antagonismo secular dos lusitanos, e com alegações engenhosas, filhas de sua imaginação e de sua vontade, achou motivos para suprimir duas das mais célebres cartas e duas das viagens. Não se baseou seu estudo em provas descobertas anteriormente, e suas conclusões não assentam verdades históricas, mas termos para um pacto de paz. Sua dialética não se preocupou com estas, mas sim com aquêla, a que serviu com sentido premeditado, à margem do histórico e com freqüência contra o verossímel. Examinamos os argumentos, em *América la bien llamada* e dissentimos de seus juízos, discutindo o procedimento tanto quanto as resultantes. Havia muitíssimo mais que dizer, mas Magnaghi era *um* dos predecessores, e não era possível refutar cada um de seus artificiosos *mezzos*, nem havia motivo para dedicar a ele mais espaço que aos outros. Analisamos as teses de Varnhagen, Harrisse, Fiske e Vignaud a respeito da primeira viagem e voltamos a elas ao tratar das cartas manuscritas (vol. I, pág. 87-107). Dedicamos um capítulo a Ayres de Casal e Santarém para mostrar como se empenharam em revolver a história americana (vol. I, pág. 143-150) e fizemos outro tanto com Duarte Leite e Malheiro Dias, que intentaram um novo deslustre de Vespúcio, em suas cartas, suas viagens, sua fama e a verdadeira visão da cartografia (vol. I, pág. 163-184 — vol. II, pág. 315). Finalmente mereceram nossa atenção 22 escritores que se especializaram no itinerário da ter-

ceira viagem do florentino (vol. II, pág. 297-322). Mas antes de dar uma nova solução, “desembaraçar-se preliminarmente de todas as provas reais ou presumidas, aduzidas em contrário” resulta exigência irracional, jamais aplicável a uma bibliografia que como esta de Vespúcio abrange quase cinco séculos.

Tanto pelas razões expressas, como pela preferência dada, segundo a crítica, às fontes cartográficas, chega a um conceito astutamente elaborado com essas normas que pareciam tão inocentes.

“Dêste vício fundamental de método provém, na obra de Levillier, como inevitáveis corolários, não somente a inadequada avaliação comparativa dos documentos examinados, mas também a colocação, que eu diria anacrônica, de todo o problema vespuciano”... (pág. 322).

Aqui se iniciam essas generalizações malignas a que aludimos, fabricadas para fazer voar pelos ares uma obra, com a dinamite de duas palavras: *vício fundamental*. O processo é eficiente e rápido. Denominador comum, aplicável a todas as partes do edifício, se assemelha a Sansão, que com seus braços apenas, sacudiu e derrubou o templo. E essa tática repetir-se-á muitas vezes.

Ambas as fontes: a cartográfica e a escrita, são *inseparáveis* e constantes em nosso livro; êle próprio o exhibe. As afirmações citadas falseiam a realidade, e como remate, acrescentam que não examinamos como era devido “às múltiplas, complexas e sutis questões levantadas pelas relações recíprocas que há entre os dois grupos de documentos” (pág. 323). Esta entra muito bem no plano de diminuir evidências, quer dizer, as verdades visíveis de cada capítulo da obra. Longe de omitir o exame de semelhantes conexões, *América la bien llamada* representa o primeiro esforço para estabelecer uma relação entre os mapas e as viagens; os topônimos e os relatos, desde Vespúcio até Mendoza. Esta se vê no quadro seguinte (vol. II, pág. 232).

VIAGENS PORTUGUESAS E ESPANHOLAS À COSTA AUSTRAL
E
MAPAS PRINCIPAIS EM QUE SE REFLETEM
(1501-1560)

Viagens Portuguesas	Viagens Espanholas
I — Coelho-Vespúcio (1501-1502)	I — J. Diaz de Solís (1516)
Hamy-King 1502	Maggiolo 1519
Kunstmann II 1502	J. Reinel 1518-1519
Pesaro 1502	P. Reinel 1519-1522
Cavério 1502	II — Magalhães - del Cano (1519-1522)
Can'ino 1502	Pigafetta 1522
Tolomeu 1506	Turin 1523
Waldseemüller 1507	J. Vespúcio 1525
Ruysch 1508	
Silvano 1511	

III — Loaysa (1525)

Stobnicza	1512	Castiglione	1526-1527
Tolomeo	1513	Salviati	1526-1527
Piri Reis	1514	Ribeiro	1527
Reisch	1515	Verrazzano	1529
Waldseemüller	1516		

II — Newen Zeitung: Nuño Manuel J. de Lisboa. Cristóbal de Haro (1514)

Kunstmann III	1515	Caboto	1528-1544
Rodrigues	1515	Ribeiro	1529 (Roma)
L. de Vinci	1515	Ribeiro	1529 (Weimar)
Schöner	1515-1520	Wolfenbüttel	1530 (Ribeiro?)
		Agnese	1536-1543

III — M. A. de Souza (1530-1533) V — Don Pedro de Mendoza (1536)

Viegas	1534	Santa Cruz	1540-1542
Riccardiana	1534?	Desliens	1541
		Desceliers	1550
		L. Homem	1554
		D. Homem	1558
		A. Homem	1559

Prendendo-nos à bibliografia, somente HARRISSE pesquisou antes, como nós o fizemos, os mapas e os relatos de viagens; mas foi para encontrar a origem dos nomes do hemisfério *boreal* (21). Não é sequer concebível, aprofundar-se em obra dessa natureza, sem reunir tôdas as fontes e a isso se deve a extensão de *América la bien lamada*. A êsse respeito escreveu o Sr. Alfredo Ezquerro, membro do Instituto Gonzalo Fernandez, de Oviedo, após aquilatar o conteúdo da obra:

“Lo expuesto revela la minuciosidad con que ha trabajado el autor sobre la antigua cartografía americana, la rigurosidad de su método y la paciente labor de la clasificación de los nombres geográficos en ellos recogidos para poder discernir el viaje a que debieron su origen o el mapa que sirvió de modelo, rectificando de paso las fechas atribuidas erróneamente a algunos. No se ha hecho, que recordemos, labor semejante en ese campo en lengua española” (22).

Quanto ao haver dado ao problema vespuciano classificação anacrônica, pelo motivo de ter exagerado a importância dada aos mapas, compreenderá logo o leitor, que esta é outra dissonância. O prof. Charles Nowell, da Universidade de Illinois, dizia em extensa crítica publicada na *Hispanic-American Historical Review* referindo-se ao caráter da obra e a seu autor:

“No cita un sólo nuevo documento, ni se refiere a ningún mapa que no haya estado mucho tiempo en circulación. Casi toda la adocumentación ves-

(21). — Henri HARRISSE, *The discovery of North America*. Paris, 1892.

(22). — *Revista de Indias*. Outubro de 1951. Madrid.

puciana es conocida desde más de un siglo y unicamente un pequeño aditamento se ha dado a luz desde 1900. Sin embargo Levillier produce un trabajo de notable frescura y originalidad" (23).

Com efeito, sendo já conhecidos os mapas e antecedentes escritos — manuscritos ou impressos — somente poderia aparecer uma novidade fecunda da *interpretação* dessas fontes, associadas; nunca isoladas. E foi o que adveio. Compusemos um quadro geral das primeiras viagens, e quem no futuro traçar uma biografia de Vespúcio já não terá que desequilibrar o aspecto do conjunto com uma longa análise da cartografia, para revelar o sentido dos topônimos, nos itinerários de suas viagens; está feito. *Antes não existia*. E a retificação se impôs, precisamente por termos demorado nos mapas, esmiuçado a nomenclatura e mostrado a sutil relação que existe entre o itinerário derivado desses topônimos-escalas e o que anteriormente era penosa vaguidade, na carta de Lisboa de 1502 e em *Mundus Novus*... ao longo da costa.

Finalmente para encerrar isso da "inadequada avaliação comparativa dos documentos examinados", reproduzimos algumas linhas do artigo que o insigne americanista, Padre Constantino Bayle, escreveu há poucos meses sobre nosso livro (24):

"Historia es, mas enzarzada con la geografía, la cartografía, la náutica, la astronomía. Asusta la preparación a que debió someterse y principalmente el método de trabajo inexcusable, si había de salir airoso de un laberinto con escasos puntos de referencia y orientación, con los tropiezos y marañas acumulados por la política, los nacionalismos, la ignorancia pereceza y repetidora. Labor la suya de microscopio y disección, de observación menuda y diligente, de confrontación paciente. Baste decir que pasan de 200 los mapas y planos examinados, contrastados, esclarecidos con la luz tenue y vagarosa de crónicas de viaje".

Isto foi o que perceberam as críticas desinteressadas e retas; mas, a que refutamos, insiste em atribuir à obra deficiências de método, para dar-se ao prazer de insultá-la. Pouco adiante do já alegado, acrescenta:

"Tendo em mira essencialmente o problema do método, acrescentaremos que tal exame está viciado também por uma falha crítica basilar; a de prescindir com excessiva frequência da exata avaliação do valor documentário destes mapas que naturalmente não podem ser postos todos no mesmo plano mas antes possui cada um, uma história própria e uma particular razão de ser" (pág. 333).

Falha basilar, vício fundamental, mostram a falta de engenho desse vocabulário destinado a depreciar. Idêntica sabotagem poderia fazer o comprador mal intencionado de um automóvel, que às costas do dono jogasse água no carburador, emaranhasse os cabos e descarregasse a bateria. Ser-lhe-ia fácil sustentar depois, ao discutir o preço, que o auto era velho e ruim. Trataremos mais

(24). — *Razón y Fé*. Madrid, março de 1953.

(23). — Novembro, 4. New York, 1950.

adiante dos mapas, assuntos que a crítica envolve de imprecisões generalizadas, para desfocalizar ante os leitores, as provas que deles derivam.

Depois de ter visto em *América la bien llamada* uma infinidade de páginas destinadas a assinalar a evolução do litígio das Molucas, e a explicar os desvios, nos mapas, da linha de Tordesilhas, acrescenta o crítico como quem repassa *in-mente* antigos e profundos conhecimentos:

“Nenhuma dúvida, por exemplo, de que muitos elementos registados nestes mapas aí foram incertos com o fim deliberado de deformar ou mascarar a realidade, por motivos políticos fáceis de adivinhar... Quando se pensa na poliédrica fertilidade de expedientes, de armadilhas, de insidias a que recorrem, e recorreram em todos os tempos, os beligerantes, para prejudicar e vencer os adversários, deverá parecer muito ingênuo colocar no mesmo plano documentos, como êstes da vetusta cartografia americana, nos quais se reflectem, à sombra da secular contenda entre as duas corôas ibéricas, os infinitos motivos de atrito que as emprêsas do tempo podiam e deviam suscitar. Não se pode, pois, acolher seu reserva a fãlgante reconstrução que Levillier tenta, no seu segundo volume da história brasileiro-argentina, usando de modo acrítico ou paracrítico um material imenç e heterogêneo” (pág. 332).

Estas referências não correspondem à realidade. O trabalho de discriminação crítica foi constante e minucioso; revela-o o livro, mapa por mapa. Tão pouco lhe é aplicável a correspondência à uma história da toponímia brasileiro-argentina, pois não se trata dela, mas de *uma prova concreta da viagem descobridora de 1501-1502*. A pretensão é estapafúrdia. *Falha basilar, vicio fundamental*, parecem serpentes que correm pela crítica dando-lhe seu caráter sinuoso e ambíguo, destinado a provocar no espírito do leitor inquietudes indefinidas a respeito do conjunto. Isto não é ciência, nem história, e sim outra coisa...

Não o levamos ao trágico. Ao contrário, recordou-nos, por analogia uma incidência cômica passada há pouco tempo. Uma instituição americana pedira a um banqueiro uma palestra sôbre um assunto complexo, e êste esquecera sua promessa. Dois dias antes da data marcada, ela lhe foi lembrada. Premido pelo tempo, encarregou sua secretária de colher dados sôbre o caso. Esta, assustada, depois de percorrer estatísticas, assegurou-lhe que para reunir o solicitado necessitaria de cinco anos. O banqueiro não replicou. Suspirou, fechou-se para escrever, e chegados dia e hora, cumpriu a palavra dada, com uma dissertação admiravelmente documentada com abundantes cifras e conceitos muito firmes sôbre os aspectos do grave problema. Foi muito aplaudido. A secretária não se conteve e perguntou-lhe como se havia saído do impasse. “Muito simples”, respondeu, “usei da minha imaginação. Você me disse que necessitaria cinco anos para reunir os documentos exatos. Bem, pois êsse é o tempo de que precisará qualquer um dos que me ouviram, para descobrir o ardil”. O cânone lógico usado pelo banqueiro para impressionar o público, irmana-se com

o do crítico; aquêlê para não ser descoberto contava com a desidia de seus ouvintes e a pesada perspectiva de revolver estatísticas; e êste se fia em que muitos leitores fogem ao trabalho de confrontar com livros a retidão dos conceitos de seu jornal ou revista. Sem dúvida alguma, a precedência no uso da palavra favorece aos audazes, pois como no *bluff* do poquer, se ninguém vê seu jogo, o apostador se levanta com o dinheiro da mesa! Aqui não passou... e o intento fracassou.

III. — *Análise da toponímia e equação pessoal dos mapas.*

O secular litígio entre Espanha e Portugal foi um dos temas a que dedicamos, deliberadamente a máxima atenção. Encontra-se na base de quase todos os grandes acontecimentos da época: as viagens e seus descobrimentos, os mapas que o refletem e as juntas reunidas para resolvê-lo. Lugar de tal importância ocupa em nosso livro, que o 2.º tomo, ao qual alude a crítica, poderia ter como título: *História gráfica y política de la línea de Tordesillas hasta la fundación de Buenos Aires, en 1536*. Seu interesse para nossa obra era de importância primordial. De acôrdo com os cálculos bastante acertados de Ferrer, se acreditava em 1495, que passava por 45° de longitude, medindo-se como era convencionado as 370 léguas do tratado, desde a ilha mais ocidental do Cabo Verde, a razão de 17 ½ léguas por grau. A Junta de Badajoz em 1524 fixou-a nos 46°, ou seja com um êrro de, apenas 30' de conformidade com os cômputos modernos (25). Nos primeiros mapas, sòmente aparece insinuada em Cavério e nos Waldseemüller uma idéia da jurisdição lusitana, e traduzem-na com bandeiras mal colocadas. Iniciamos as retificações gráficas no período seguinte, marcando em Jorge e Pedro Reinel e em Maggiolo, a linha errada e a correta. Depois da viagem de Magalhães, torna-se mais agudo o litígio limítrofe com a circunavegação do globo e a passagem dos castelhanos pelas Molucas, e ao fracassar a Junta de Badajoz de 1524, intenta-se outra solução, que se desenvolve e põe fim, pelo menos, a qualquer dúvida sôbre a propriedade das ilhas. Contudo, a luta que termina no Pacífico em 1529 com o Tratado de Saragoça e que descrevemos em tôdas suas faces (vol. II, pág. 140-152), continuará solapada no Atlântico com a alteração da linha, que corregimos sôbre cada um dos grandes expoentes cartográficos dessa época, desde o planisfério de Turim a Castiglione, Salviati, os três mapas de Ribeiro, Woltenbüttel, Viegas e por fim Agneses de 1536 (Vol. II, pág. 91 a 209).

Os descobrimentos do Paraná e do Paraguai por Caboto, a subida até Assunção por Irala e o levantamento de um marco com

(25). — Veja-se o trabalho de Nicolás Besio Moreno (Eng.) ex Decano da Faculdade de Engenharia de Buenos Aires e Acadêmico de Ciências Exatas, em *Ciencia e Investigación*. Setembro de 1952, "El Meridiano de Tordesillas y el descubrimiento del Rio de la Plata por Vespuccio".

as armas da Espanha em Cananéia, por Alvaro Nuñez Cabeza de Vaca, em 1540, puseram um “alto lá” às interpretações de portugueses e, às vêzes, de espanhóis que faziam a linha divisória passar pelas bordas do Cabo de Santa Maria. Isto não foi nem pôde ser exato. Devido à inflexão da costa e à própria longitude da Punta del Este, falseavam a verdade em mais de 150 léguas. Demonstra a cartografia posterior, que depois dessas dissidências — digamos gráficas — perceptíveis nos mapas, continuou durante séculos o atrito entre os governadores do Brasil e os do Rio da Prata, tendo como motivo essa controvérsia do marco divisório; mas depois do extraordinário achado do Pacífico, o envio de Solís, mais tarde os descobrimentos de Magalhães, a exploração de Caboto, a expedição de Martim Afonso de Souza, a fundação de Buenos Aires e a extensíssima correspondência diplomática entre Espanha e Portugal, permitiram interpretar a causa política das viagens e sua influência na nomenclatura. Em geral, pela data em que se começa a preencher a toponímia das costas, e a povoar o interior das terras, perdem os governos o interesse na demarcação da linha, e os desenhistas apenas ponteiam as jurisdições com galhardetes.

Isto se vê nas ilustrações do livro, e sòmente vendo-as se comprova a verdade. Por isso desejaríamos vivamente, que o leitor acompanhasse nossa descrição com as páginas abertas. Não fazê-lo, será assegurar impunidade à sabotagem, em vez de descobrir a verdade, excluir a possibilidade de conhecê-la diante dos *bluffs*. Teria sido, efetivamente, não só ingênuo, mas estúpido, usar de maneira acrítica ou paracrítica o imenso material heterogêneo existente. Para desprestigiar a prova, finge a crítica o descobrimento dessa falha destinada a fixar espécie na imaginação do leitor. A verdade visível repudia essa maliciosa imputação pois ela própria evidencia que não existe e nem pode existir nessa aproximação de testemunhos, um tipo de erro que ao generalizar-se afaste a demonstração total. Cabem divergências na apreciação de quem possa ser o autor de um mapa, ou qual a origem, ou qual a data, ou qual a nacionalidade; mas essas circunstâncias não incidem na eficiência probatória dos topônimos e sòmente quem pretenda extraviar o leitor e criar atoleiros, pode desfigurar a realidade com semelhantes patranhas.

Se inquirir, discriminar e não dar-se fàcilmente por satisfeito, em matéria de garantias, não tivesse sido em nós uma insistência natural do senso crítico, provàvelmente não teríamos ultrapassado os resultados já obtidos. Graças ao hábito de rever o julgado, prescrutar os mínimos detalhes, e graças também à casualidades felizes, descobrimos numerosas novidades que ampliam de maneira decisiva o conhecimento da cartografia americana austral e a compreensão dos primeiros itinerários.

No entanto, nossas provas da terceira viagem, as mais seguras, são atacadas:

“Para que a tese de Levcillier conseguisse convencer seria preciso que ele houvesse antes estabelecido sobre bases documentárias sólidas a avaliação que propõe”.

O tom categórico dêsse palavrório parece repousar em certezas, e nada traz além de alusões imprecisas aos métodos. Nossa obra não é uma dissertação acadêmica; nem tão pouco uma história da cartografia da América do Sul, ou uma “história da topônimo brasileiro-argentina”, como erroneamente a chama a crítica. Esses trabalhos implicariam — já o dissemos — na recomposição de todos os mapas, especificação dos topônimos, fazer sua análise e valorizá-los. *América la bien llamada* é uma história das primeiras viagens descobridoras, na qual estávamos somente obrigados a empregar os mapas idôneos, ou seja, os que acrescentam testemunhos utilizáveis, a nossas provas. No entanto, “essa fatigante reconstrução” a que alude, com sua usual cortesia, a crítica, é a da terceira viagem, e indica-o seu título restrito: *Prueba del viaje descubridor de 1501-1502*. Entretanto, demos muitíssimo mais do que o necessário; a visão derivada da história política, a náutica e a cartografia, foi de amplitude panorâmica. Continuamente estabelecemos confrônto entre os mapas, e deslindamos a respectiva importância de cada um. Assim separamos do primeiro período e do segundo, os globos de Schöner de 1515 e 1520 e os pusemos à parte entre as *Notas* porque suas características os excluíam de um ou outro período; tinham algo dos dois. Fizemos o mesmo com o Globo Verde de Paris (1520). Por outras razões prescindimos dos mapas de Boulenger (1514), Apiano (1520), Thorne (1517), Grineo (1532), Vadiano (1534), Mercator (1538), Munster (1540), Testu (1555), Girava (1556), Ortelio (1570), etc. Por fim, para diferenciar, criamos no terceiro período, a categoria de *mapas secundários*, incluindo nela os de Oroncio Fiereo de 1531 e 1536, o de Schöner de 1533, Angleria 1534, Globo de Paris de 1535, e o Globo Dourado de Nancy da mesma época (vol. II, pág. 153-159).

Os mapas de maior importância para a prova, os que contribuíram para provar a transformação do Jcrdan no Rio da Prata, entre 1502 e 1536, e assinalaram Cananor, foram individualmente analisados na sua origem, sua história, sua nomenclatura, a nacionalidade do desenhista, seu desenho, a potência para o qual foi feito, suas revelações, seus erros, a influência recebida, seu descobrimento dos mapas imediatamente anteriores, seu progresso ou sua involução; em uma palavra: *sua equação pessoal*. Foi considerável o espaço concedido a esta construção cartográfica, histórica e política. Diferenciar e apreciar justamente foi o nosso trabalho. Pode ser comprovado no II tomo, nas páginas que se referem a

êstes mapas, para a prova da terceira viagem, nada menos que: Kunstmann II (10-18), Cavério (20-26), Cantino (27-30), Waldseemüller (32-34), (40-42) e (46-48) Kunstmann III (56-58), Jorge Reinel (67-72), Maggiolo (72-76), Pedro Reinel (76-81), Turin (87-94), Castiglione (100-105), Salviati (106-108), Ribeiro (111-115, 125-135), Caboto (115-125), Agnese (206-211, 217-222).

Nossa investigação se intensificou nos nomes indicados: *Jordan* e *Cananor*. Tinha por objeto firmar nesses testemunhos a conclusão de que o rio Jordan (Rio da Prata) e o Cananor aos 46° (rio na Patagônia) foram descobertos desde 1502, porque figuram na cartografia desde êsse ano, ou aproximadamente. A demonstração virá em seguida, e nada será capaz de alterar a verdade à *vista dos mapas: Jordan é o Rio da Prata e Cananor um rio da Patagônia*. Se tivéssemos usado de maneira acrítica êsse imenso material heterogêneo não teríamos atingido a uma solução intangível e se a análise não fôsse equânime, clara e bem fundamentada, não teriam coincido conosco, nesse aspecto, tantos especialistas (26).

Do Dr. Manuel Vásquez Machicado, Secretário da Academia Boliviana de História, distinto escritor de La Paz, são as seguintes linhas:

“El autor discrimina la toponimia confusa en extremo en esos primeros tiempos, toponimia que aclara de acuerdo a los datos precisos que obtiene de la historia de las navegaciones y de la cartografía, que con todos sus errores contribuye decisivamente a desentrañar estos misterios de que está llena la historia de los descubrimientos, y encadena logicamente en estrecho paralelismo a la cartografía con la historia, abriendo un nuevo campo a las interpretaciones sobre las realidades de esa época con demostraciones de claridad meridiana que cierran una controversia de siglos” (27).

De outra latitude escreve o insigne colombiano Germán Arciniegas, autor de *Los Alemanes en Venezuela. Biografía del Caribe*, e outras obras históricas:

“Levillier ha coleccionado todos los mapas primeros del hemisferio occidental, ha hecho con ellos familias para señalar los cambios que fueran produciéndose, los avances de los conocimientos científicos, el momento en que aparece un nuevo río, la hora en que la costa comienza a moverse en una dirección nueva, y luego ha tomado carta por carta, cada una de las que escribió Vespucio o que parecen firmadas por él, para verificar si el hombre decía la verdad, o inventaba o le inventaban... Al estudiar los mapas Levillier ha tenido que obrar con paciencia y detectivismo, ha desentrañado las peripecias novelescas, las biografías de cada uno de esos ríos o islas que se muven, a quienes los geógrafos dan remos para que salten por encima del meridiano. Lo apasionante de ese estudio está en que ese sabio investigador ha podido así escribir la vida de los mapas y ha podido fijar con exactitud que me parece definitiva, como lo que Vespucio dijo en cada una de sus cartas representa la verdad de su obra, el resultado de sus observaciones directas” (28).

(26). — Veja-se o folheto de Gmo. Kraft com os juízos críticos. Buenos Aires, 1951.

(27). — Em *La Razón*. La Paz, setembro de 1949.

(28). — *El Tiempo*. Bogotá, fevereiro de 1950.

Por fim Edmundo O'Gorman, numa obra de grande originalidade: "*La idea del descubrimiento de América*", diz:

"No sólo ataca a los detractores tradicionales de Vespucio que en seguimiento de Las Casas, Herrera e Irving insisten en considerarlo como el Judas del descubrimiento, sino que, y he aquí lo valioso de su libro, critica a Varnhagen, Magnaghi, Northup y demás "defensores" de Vespucio que para salvarlo condenaron de falsas ya unas, ya otras de las epístolas vespucianas. Levillier rompió lanzas en favor de la autenticidad de todas las cartas incluso el *Mundus Novus* y la *Lettera*, (Cuatro Navegaciones) o lo que es lo mismo sostiene la verdad de los cuatro viajes de Vespucio. Para la erudición colombina el aporte capital de Levillier estriba en las correlaciones que establece entre los datos de las cartas del navegante y la cartografía antigua de América" (29).

Estas manifestações concordantes escolhidas entre as muitas que surgem em revistas, livros e jornais, desde os mais longínquos lugares do mundo, escritas por autoridades, evidenciam sua adesão ao método seguido e às conclusões obtidas. Não cremos que a esta altura o leitor necessite, ainda, dos referidos comentários; mas comprazemo-nos em oferecê-los, por motivos de sua objetividade e de sua origem valiosa.

IV. — *Equivalência Rio Jordan — Rio da Prata.*

Ao sintetizar agora a prova do Jordan e do Cananor, veremos que a crítica, diante de fatos concretos que fixam o itinerário de Vespúcio, bate em retirada. Mas antes, como a raposa da fábula que tacha de verdes as uvas, pretende desdenhar o que não pode colher, e inventa outro dêsses cânones que lhe servem de bases para forjar vícios de fundo:

"A cartografia como qualquer fonte só se torna aceitável quando sua origem esteja bem esclarecida ou seja, quando o desenho assim como a toponímia sejam claramente atribuíveis a esta ou àquela expedição, sem possibilidades de êrro" (pág. 347).

De tôdas as intrigas urdidas, nenhuma se iguala a esta em suas exigências estrambóticas. E' até escandalo que um cartólogo escreva alguma coisa tão a propósito para desqualificar a cartografia como fonte aproveitável para a história. Ninguém diria que o autor dessa frase publicou mapas antigos, dedicando maior espaço aos anônimos cuja origem se ignora, que aos assinados e omitindo quase continuamente a ligação da toponímia dêles com as expedições às quais, "sem possibilidades de êrro" fôsse plausível atribuí-la. Estas atribuições se fazem quando se pode, e quando não é viável oferecer constantes, formulam-se hipóteses, e não pôr isso deixam os mapas de ser utilizáveis em provas nas quais os

(29). — Edmundo O'Gorman, *La Idea del Descubrimiento de América*, México, 1951, pág. 124.

topônimos já conhecidos em outros planisférios ou portulanos, valem como reiteração de testemunhos por seu teor e suas latitudes.

Os geógrafos e os cartógrafos muito se preocuparam para explicar o conteúdo e a história dos mapas, e quando se percorrem publicações vastas como as de Kretschmer, Nordenskiöld, Gallois, Jomard Stevenson, Rio Branco, Wagner, Guillem, Alba, Skelton, se comprova que a exigência enunciada em forma tão absoluta é irracional e tão somente um pretexto ou um contragolpe destinados a atenuar uma prova implacável.

Os mapas do século XVI reproduzidos em nosso livro são todos célebres e foram encontrados há mais de 50 anos, depois de terem permanecido extraviados durante séculos. Identificados por peritos e descritos em trabalhos eruditos, catálogos e bibliografias históricas, nenhum deles foi tachado de falso. E essa é a única razão válida pela qual poder-se-ia recusar a utilização desses testemunhos da época. Figuram entre eles alguns anônimos, e não os que aparecem em menor número, e que por sua vez maior interesse despertam, por todos os problemas que provocam. No que se cinge à cartografia americana dos primeiros tempos, torna-se difícil determinar com precisão a que viagem ou entrada se deve esse rio, essa tribo, essa aldeia, esse vale, gôlfo ou cabo. Mapas contemporâneos ou posteriores ajudam a localizá-los no tempo e assinalar sua cronologia aproximada, e igualmente esclarecem dúvidas, diários de bordo, crônicas e documentos de outras fontes. Surgem dilemas não somente acerca das datas exatas, como também a propósito da nacionalidade, pois acontece que mapas evidentemente desenhados por cartógrafos italianos foram feitos para a Casa das Índias de Lisboa, e são portanto, portugueses por intenção, como portugueses foram os périplos dos quais procedem. Além disso, navegações ou conquistas se sucedem de perto, tanto que custa deduzir em cada mapa quais os nomes pertencentes a cada descobrimento. Assim acontece nas primeiras viagens da costa do Caribe. Depois das de Colombo, Hojeda, Vespúcio, Pinzón, Lepe e Velez de Mendoza, que se precipitaram entre 1498 e 1500, como demarcar nos mapas os nomes que vieram de cada uma? E será isso motivo para que nenhum deles possa ser usado? Repetem-se as mesmas dúvidas após as viagens de Vespúcio, *Neyen Zeitung*, Solís e Cristóbal Jacques ao litoral austral, entre 1502 e 1518. E porque não se pode atribuir a nenhum padrinho "sem possibilidade de erro" certos topônimos, em mapas de verdadeira transcendência, mas sem data nem assinatura, como Hamy, Pesaro, Kunstmann II, Kunstmann III, e Reinel, teríamos de cair na inépcia de afastá-los do uso completamente, como pretende o crítico?

Os anônimos podem se revestir, por seu conteúdo, de insubstituível importância primordial. Comparados com os assinados e datados, ocorre freqüentemente que tornam preferíveis em confi-

guração e toponímia. Limitando-nos à parte do hemisfério austral americano, Pesaro, Hamy e Kunstmann II são superiores em configuração a Cavério, e quanto à toponímia, Kunstmann II sobrepõe a todos os assinados em sua época, como os de Cavério, Ruysch e os Waldseemüller. No período seguinte, Kunstmann III, anônimo, supera a Rodrigues e a Maggiolo, em sua toponímia, e da mesma maneira Salviati e Castiglione como Wolfenbuttel, de autores desconhecidos, são incomparavelmente mais exatos e completos que Maggiolo (1527) e Thorne de autores responsáveis, e ainda que Oroncio Fineo e o Schöner de 1533. E paramos para não entediá-los. E' de singular irresponsabilidade pretender diminuir o valor de testemunhos tão preciosos, e tratando-se de mapas, deve-se ressaltar, como indignaria que se menosprezasse a utilidade dos diários de viagem, memórias, relações, taboas astronômicas e livros sem data nem assinatura, entesourados pela ciência em arquivos públicos como etapas do saber humano. Igual critério aplica-se aos quadros, aos tecidos, aos móveis, à cerâmica, às jóias, aos tapetes e às demais obras de arte. E' o caso, em que apesar de seu usual anonimato são localizados pelos peritos, no tempo e no espaço com tão aproximada exatidão, que acabam servindo de protótipos exemplares. A mesma coisa fazem os cartógrafos, quando respeitam sua disciplina, é claro, não quando a denigrem, para favorecer momentaneamente uma tentativa de sabotagem. Não cremos ser preciso dizer algo mais sobre esse ponto. Exigência tão exorbitante como aquela de que numa prova para serem aceitáveis os mapas, deve-se saber, sem possibilidade de erro, de que navegação procedem, denota somente o propósito deliberado de recusar testemunhos que molestam.

Resolve a crítica atribuir-nos, gratuitamente, a crença de que o desenvolvimento da cartografia americana seguiu uma linha racional progressista e depois de negar — com toda a razão — que tenha sido assim, acrescenta: "*éste é um pressuposto que também vicia todo o tratado de Levillier*" (pág. 343). Forjando inculcações pode qualquer um reunir uma bonita coleção de acusações, mas seria uma coleção de imposturas. Se o leitor procurar em nossa obra um conceito expresso no sentido de que a evolução da cartografia americana seguiu uma linha racional, não encontrará nem a sombra de tal rasgo de ignorância, e por isso, sem dúvida, omite o crítico a citação da origem de sua falsa afirmativa. O assunto de nosso estudo não é o desenvolvimento da cartografia brasileiro-argentina, mas a prova de que em sua viagem de 1501-1502, Vespúcio passou ao longo da costa, desde o cabo São Roque, e batizou na jurisdição castelhana os três últimos topônimos que aparecem em 1502 em vários mapas, e se mantêm em outros posteriores na mesma posição: rio Jordan, que equivale ao Rio da Prata; S. Antônio, cabo ao sul do mesmo, e rio Cananor, na Patagônia, aos 46°. E' claro que ao juntar para esse estudo mais de

50 mapas dessa região, aproximámo-nos do que seria um estudo integral, e esse trabalho deu-nos a oportunidade de rever a cartografia conhecida e acessível, precisamente para resolver quais utilizar e de quais prescindir. Descobrimos assim nesse século XVI surpreendentes descõtinuidades de conhecimentos e retrocessos atribuíveis em nosso conceito à variabilidade das fontes, conforme a nacionalidade do cartógrafo.

E a isto devemos atribuir que os melhores mapas dos primeiros tempos fõssem portugueses e espanhóis; eram os que derivavam diretamente dos originais trazidos dos périplos descobridores, e pouco importava então a nacionalidade do desenhista, pois gravitam, por sua vèz sôbre êle, a veracidade do que tinha sido visto e as imposições políticas das Casas de Lisboa e de Sevilha. Retrocesso parece o magno instrumento de Juan de la Cosa, sempre que seus erros não fõssem intencionais. Enquanto isso, nos países do Norte os cartógrafos privados de fontes diretas, se inspiram nos Waldseemüller derivados de Cavério e por muitos anos seus cosmógrafos e cartógrafos andam perdidos por orientações errôneas, enquanto na Itália, Agnese, baseando-se, ao que parece em Ribeiro, produz um tipo de mapa da América que dá durante mais de vinte anos uma noção bastante exata das formas do Novo Mundo. Não houve nenhuma continuidade no progresso na Europa do Século XVI, e isso tem sua razão de ser, o que tentaremos explicar numa obra atualmente em preparo, mas êsse tema vastíssimo e de enorme interêsse não foi sequer aludido em *América la bien llamada*. A suposição pertence ao crítico, na sua totalidade, e mesmo quando dá pé para utilizar-se dessas generalizações baratas e naturalmente depressivas que o deleitam, o leitor, a esta altura, estará advertido de que essa categoria de recursos provém de um afã destrutivo, que não podendo impedir a evidência da verdade, nem destruir, nem desconjuntar, nem restringir suas revelações, exaspera-se para dar a impressão de havê-la desintegrado em seus alicerces. E assim se explica o perpétuo retõrno às mesmas expressões: *falha basilar, vicia todo o tratado, vicio fundamental*, etc. E' o vinte e mais cem dos jogadores de poquer sem jôgo...

Liquidada esta pequena dúvida, continuaremos com a equivalência do Jordan ao Rio da Prata. Os mapas apresentados nos quadros A. e B., situam os dois rios em sua respectiva latitude, na cartografia, e êstes constituem uma pequena síntese da prova que o leitor encontrará, feita, no livro. Dela se depreende: 1.º — que o rumo SSO assinalado por Vespúcio em suas cartas de Lisboa 1502 e *Mundus Novus* era verídico; 2.º — que portanto estas concordam com a lição dada pelos mapas; 3.º — que a hipótese do Almirante Quintella, e de Groussac, seguida posteriormente por Magnaghi, do rumo costeiro, apesar de destituída de evidência, relativamente ao Jordan e Cananor, aprcximava-se da realidade; e

4.º — que êstes dois rios foram as escalas mais importantes atingidas e batizadas por Vespúcio.

O ponto de partida que nos abriu o caminho e nos serviu de guia no labirinto de conceitos divergentes e dúvidas que cercavam o problema da 3a. viagem, é que a latitude do Rio da Prata, corre paralela com a da ponta terminal da África aos 35º S. Quando uma linha traçada num mapa, sob o cabo da Boa Esperança, coincide na margem oposta, com um rio, chame-se êste Jordan, Solís, S. Cristobal ou Uruay, é fatalmente o Rio da Prata. Nenhuma objeção, nenhuma chicana nem o êrro inexplicável de Juan de la Cosa, cometido quando fêz coincidir a costa norte do Brasil com a referida extremidade, pode afetar essa verdade eterna. Uns graus mais ao sul, lê-se em muitos mapas S. Antônio, e depois Cananor. Êsse indício que uma navegação havia penetrado no rio batizando-o de Jordan, aprofundando-se depois em direção austral, era precioso e exigia ser corroborado. Seguimo-lo pela cartografia, procurando a cada passo saber a qual viagem pertenceria cada mapa, deslindando as etapas, com os relatos escritos. Êsse trabalho sem precedente trouxe a resposta precisa, felizmente inexpugnável para aquêles que sabem e querem ver: o Jordân é o Prata. Os poucos que até agora têm negado a prova, fizeram-no sem apontar as razões, ou se retraíram antes de levar em consideração os mapas posteriores à viagem de Magalhães, onde aparece a costa inteira, com o Jordan no centro, inconfundível.

Jordan se regista pela primeira vêz em Kunstmann II e Cavério, de 1502. Ao seu lado lê-se S. Antônio, e no fim do litoral, *Cananor*. Os três figuram em Waldseemüller 1507 e 1516. No que chamamos o segundo período, por julgar que seus mapas de configuração e toponímia análogos, procediam de uma viagem ou de várias viagens posteriores, não figura Jordan, e é óbvio, em Vinci e Kunstmann III onde pela primeira vez aparece *Cananéia*, pois êstes dois mapas não ultrapassam os 25ºS., e o Jordan está a 35. Por outro lado, Jorge Reinel, Maggiolo e Pedro Reinel, que completam êsse ciclo, chegam até a boca do estuário sem lhes por nome, apesar de que o aparecimento neles, pela primeira vez, de *Cabo Santa Maria*, não deixa lugar a dúvida de tratar-se de Jordan-Prata. Nesses 5 mapas encontramos, como é natural, a ausência de Cananor por ser sua latitude mais austral que a de cada um dêles. E é inadmissível que êsse topônimo, situado a 45º no primeiro período, possa identificar-se com Cananéia, colocado a 25º, pois êste rio do Brasil continuará sempre no seu sítio, enquanto Cananor volta a figurar no mesmo lugar do primeiro período, na Patagônia, nos mapas posteriores à viagem de Magalhães. A passagem dêsse grande navegante revela-se na cartografia, desde o *croquis* de Pigafetta de 1522, onde em vez de Rio Jordan, lê-se, pegado ao Cabo Santa Maria: *rio Juan de Solís*. E' indubitavelmente o Prata, e na mesma posição geo-

EL RÍO DE LOS CINCO NOMBRES.

DESDE JORDÁN EN 1502 A RÍO DE LA PLATA EN 1536.

LOCALIZADO SIEMPRE POR EL CABO DE SAN ANTONIO, EL CABO DE SANTA MARÍA, O LOS DOS

	NOMBRES	35° SUR	35° SUR	36° SUR
1500	Kunstmann II		Río <u>JORDÁN</u>	Río San Antonio
	Caverio (1502)		Río Jordán	Río San Antonio
	Tolomeo (1506)		Río Jordán	Río San Antonio
	Waldseemüller (1507)		Río Jordán	Río San Antonio
	Ruysch (1508)		Río Jordán	Río San Antonio
	Tolomeo (1513)		Río Jordán	Río San Antonio
	Waldseemüller (1516)		Río Jordán	Río San Antonio
	Schöner (1520)			Río San Antonio
	J. Reinol (1518)	Cabo Sta Maria		
	Maggiolo (1514)	Cabo Sta Maria		
	P. Reinol (1519-1522)	Cabo Sta Maria		
1522	Pigafetta	Cabo Sta Maria	Río <u>SOLIS</u>	
	Turin (1523)	Cabo Sta Maria	Río Jordán	
	Castiglione (1526)	Cabo Sta Maria	Río Jordán	Cabo San Antonio
1526	Salviati	Cabo Sta Maria	Río Jordán Río <u>SAN CRISTOBAL</u>	Cabo San Antonio
	Maggiolo (1527)	Cabo Sta Maria	Río Jordán Río S. Cristoforo	Cabo San Antonio
	Ribeiro (1527)	Cabo Sta Maria	Río Jordán	Cabo San Antonio
1528	Caboto	Cabo Sta Maria	Río <u>URUAY</u> - acá?	Cabo Blanco
	Ribeiro (Rena) (1529)	Cabo Sta Maria	Río Uruguay Río Jordán	Cabo San Antonio
	Ribeiro (Weimer) (1529)	Cabo Sta Maria	Río Uruguay Río Paraná	Cabo San Antonio
	Wolfenbütel (1530)	Cabo Sta Maria	Río Uruguay Río Paraná	Cabo San Antonio
	O. Fineo (1531)	Cabo Sta Maria	Río Jordán	
	Schöner (1533)	Cabo Sta Maria	Río Jordán	
	Viegas (1534)	Cabo Sta Maria		Cabo San Antonio
	Riccardiana (1534)	Cabo Sta Maria		Cabo San Antonio
	Globo dorado (1535)	Cabo Sta Maria	Río Jordán	Cabo San Antonio
1536	Agnese	Cabo Sta Maria	Río <u>DE LA PLATA</u> Río Jordán	Cabo San Antonio
	Santa Cruz (1540)	Cabo Sta Maria	Río de la Plata	Cabo Blanco
	Desliens (1541)	Cabo Sta Maria	Río de Plata	Cabo San Antonio
	Desceliers (1550)	Cabo Sta Maria	Río de Platte	Cabo San Antonio
	Lopo Homem (1554)	Cabo Sta Maria	Río della Platta Mare Argenteu	Cabo San Antonio

A. Quadro que demonstra, com 31 mapas, a certeza de que o Rio de la Plata é o Jordán, e que, portanto, foi descoberto em 1502.

gráfica vemos depois em Salviatti, Maggiolo e Thorne: *rio San Cristóbal* nome que segundo Ponzerol, em seu diário de bordo, deu Magalhães ao rio da Prata (vol. II, pág. 86). São exceções, no entanto, pois Jordan aparece em seu lugar invariável, em Turin, Castiglione, Salviati, Maggiolo, Ribeiro e Verrazzano. Se duas coisas iguais a uma terceira são iguais entre si, é evidente que o Jordan e o Prata sendo iguais ao S. Cristóbal, são um mesmo rio. Não utilizamos por ora as exatas e permanentes posições geográficas em que se situam Cananéia e Cananor; fá-lo-emos mais adiante, mas já nesse período, resultantes das viagens de Magalhães e Loaysa, são muitos os mapas nos quais se lê: rio Cananéia no Brasil pelos 25° e Cananor no sul aos 45 ou 46°. E que é esta simultaneidade senão a prova lapidar da autonomia de ambos?

A viagem de Caboto foi um fato transcendente que gravitou com força na história; mais ainda quando não se havia publicado o planisfério até 1544, apesar de se ter efetuado o périplo entre 1526 e 1530, pôde chegar por intermédio de Rogélio Barlow às mãos de Diego Ribeiro. Assim, pelo menos cabe inferir-se, dado que seu planisfério de 1529, tanto o exemplar de Weimar como o de Roma, indica uma notável melhoria na toponímia e também na forma do rio e seus afluentes, em comparação com o anterior de 1527. Do rio da Prata, disse o veneziano numa nota: "Os índios chamam a este grande rio, o Rio Huruay; em castelhano o rio da Prata". O mapa chamado Wolfenbuttel de 1530, que poderia ser um Ribeiro, marca em vez de Jordan: Uruay e Paraná. No mesmíssimo lugar assinalam Oroncio Fineo (1531), Schöner (1533), o Globo dourado (1535), Oroncio Fineo (1536) e A. Chaves (1536): *rio Jordan*.

No novo período, contemporâneo da viagem de don Pedro de Mendoza, desaparece o nome de Jordan, ocupando seu lugar definitivamente o *Rio da Prata*. Com Agnese (1536) inicia-se a troca e sua decisão se impõe de imediato, sem dúvida pela difusão de seus atlas, de diferentes tamanhos hoje esparsos por múltiplos museus da Europa e da América. Agnese (1536) é o final da prova iniciada com o Jordan de 1502, continuada através dos reflexos cartográficos das viagens de Vespúcio, *Newen Zeitung*, Solís, Magalhães, Caboto e Mendoza. Por ela e graças aos mapas reunidos no quadro A., se evidencia que o Jordan era o Prata. Salta aos olhos a evolução do rio, em uma palavra, sua genealogia (30).

Críticos como HARRISSE, Outes, José Toríbio Medina, Magnaghi, suspeitaram que o Jordan fôsse o rio da Prata, sem atinar com a prova, que jazia em mapas posteriores aos que consultaram. Se qualquer um deles tivesse dado evidência a essa nossa

(30). — Encontrará o leitor todos os mapas citados no segundo volume de *América la bien llamada*, da página 3 à 207. A obra existe na Biblioteca Central da Universidade de São Paulo, e na Biblioteca do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

identificação esta teria sido supérflua, por ser já de domínio comum, o que não é o caso.

O crítico se encolhe sob o impacto desta prova, não somente por não encontrar maneira decente de negá-la, mas porque Magnaghi em sua breve referência à passagem de Vespúcio diante das águas do Rio da Prata, aproximou-se da verdade. Poder-se-ia dizer que a viu de lado como pensou que o florentino viu ao rio. Mas "Jordan" intrigou-o, e foi sempre para êle um enigma. Certamente, porque não acreditava encontrar na cartografia uma solução, desconsiderou-a; não nomeia a Pesaro, não analisa a Kunstmann II nem a Kunstmann III, não valorizou de modo algum, nem a S. Antônio, nem a Santa Maria, e tomou o Pináculo da Tentação pelo Pão de Açúcar. Além disso estava persuadido de que os portugueses mantiveram em seus mapas a toponímia para Cananéia (equivalente para a de Cananor), para dissimular que tivessem ultrapassado a linha, e não era assim. Kunstmann II e Cavério são reflexos diretos da viagem portuguesa, dirigida em sua última etapa por Vespúcio. Delineados por quem quer que tenha sido, pertenciam a Portugal e obedeciam às disposições políticas da Corôa. No entanto, Jordan está a 35° e Cananor a 45° e, se conforme Magnaghi, queriam desorientar a quem visse a cartografia, transportando tudo a Cananéia aos 25°, seria porque calculavam que o limite estaria ali a 25°, e não no Jordan nem em Cananor. Veremos o de Magnaghi mais demoradamente em outro trabalho que lhe dedicamos, apenas queremos destacar aqui seu êrro de acreditar ser Cananéia o próprio Cananor anterior, deslocado mais para o norte para esconder a realidade austral. Vê-se muito bem o que significa Cananéia no segundo período, e não antes, nem é transformação, e sim nova escalação e batismo, posterior a Cananor. Tão pouco equiparou Magnaghi o Jordan com o Rio da Prata. Supôs que Vespúcio tivesse passado às alturas do rio rumo ao sul e viu suas águas barrentas mesclarem-se às do mar, o que exprime nestas poucas linhas:

"E il Vespucci, il quale certo avra constatato che l'estuario era di acqua dolce e percio non po'eva essere uno stretto, avra proseguito verso il sud" (Vol. II, p;g. 225).

Em nenhum momento imaginou que o florentino tivesse penetrado o estuário do Prata e o denominasse Jordan, tão pouco tentou prová-lo. Seu próprio resumo estipula os limites de sua crença.

"Al navigatore fiorentino spetta adunque e incontrastada la gloria di aver riconosciuta del primo la costa dell'America del Sud dal C. San Rocco sino quasi allo stretto di Magellano e quella di aver raggiunto per la prima volta una così elevata latitudine australe" (Vol. II, pág. 225).

Se Magnaghi pensasse ter Vespúcio descoberto o curso do rio da Prata, navegando-o e batizando-o Jordan, ter-lhe-ia atribuído essa importante ação, mas não o fez. Limitou-se a pensar que viu um

grande rio e que passou ao longe, sabendo que não poderia ser o estreito em cuja busca ia.

Torna a ocupar-se do Jordan em sua análise do mapa de Turin, e está tão longe de pensar no Rio da Prata, que atribui essa idéia ao autor do referido planisfério, de tal forma, que mostra muito claramente não participar dela. Ve-lo-emos em seguida. Quanto ao crítico, como lhe custa reconhecer nossa prova da equivalência Jordan-Rio da Prata, e pelas ambiguidades de Magnaghi a respeito, também não a quer negar, acode-lhe em tempo o conselho de Maquiavel, tão atual como no dia dos *condottieri* em que nasceu: *Bisogna essere volpe...* e vale-se de um expediente, que parece plausível, mas que para mal de seus pecados, torna-se irrisório com um simples olhar aos mapas. Exprime-o assim:

“No caso que aqui nos interessa, por exemplo, tanto “el bloque de transposiciones”, isto é, o grupo de topônimos transferido, segundo Levillier de Cananor para Cananéia, quanto a identificação do Rio Jordan com o Rio da Prata — que são as próprias bases da reconstrução de Levillier — pertencem, queira ou não queira, ao nosso Magnaghi (37), embora neste último um e outro sirvam para outro fim diferente” (pág. 334).

A nota 37 repete estas palavras de Magnaghi relativas ao autor do planisfério de Turin, que ele pensava ser João Vespúcio.

“o cartógrafo de 1523 conservou todos os nomes do mapa de Canério, com o fito de introduzir os nomes entre Cananéia e C. S. Maria ‘de bon deseo’ corrigiu, transportando-as ao N., as latitudes dos lugares ao N. de Cananéia, mas conservou, além do nome a latitude do Rio Jordan, que ele considerava como sendo o Prata”.

“que ele considerava como sendo o Prata”... acha o leitor que basta essa alusão para atribuir a Magnaghi essa mesma idéia? Parece-nos insuficiente para imputar-lhe uma compreensão que não teve. Quanto às transposições, não começam em Maggiolo, nem no mapa de Turim, mas com o descenso errado no primeiro período, de São Vicente e de São Sebastião, de N. a S. em Kunstmann II, Cavério e os Waldseemüller. Esses dois nomes foram postos por navegadores portugueses a lugares do Brasil como o prova toda a toponímia seguinte, e por erros registados nesses primeiros mapas ao S. do Rio Jordan, em jurisdição castelhana. No segundo período, Kunstmann III que também é português, devolve ao Brasil esses nomes e parece terem terminado os erros, quando Maggiolo leva imediatamente à região de Cananéia: pináculo de tentação ou *dentio*, rio Jordan e S. Antônio, topônimos tirados de mapas anteriores que os haviam localizado corretamente uns 10° mais ao sul, na jurisdição castelhana, a que pertenciam. Turin quatro anos depois de Maggiolo repete seu erro, mas ele deixa o nome de Jordan no mesmo local e aplicado ao mesmo estuário os mapas de Kunstmann II e Cavério, ou seja, a 35°: o Prata. Turin é o primeiro e o único mapa que duplica o Jordan, exceção de Maggiolo, que repete em 1527 sua confusão de 1519, pois na cartografia posterior,

e por todo o século XVI, não se verá um rio Jordan, no Brasil, senão a título excepcional.

Esse movimento de transposição de topônimos, que durou de 1502 a 1527, foi descoberto e retificado por nós pela primeira vez no vol. II, nas págs. 13, 14, 15, 24, 35, 41, 46, 54, 72, 90, 92, 93, 94 até a 104 que corresponde a Castiglione. Nesse planisfério onde coincidem os três nomes, inicia-se a prova, pois cada um exerce nela uma função pessoal de testemunho já irrefutável: *Jordan* demonstrando que é o rio da Prata, *Cananor* provando que é um rio da Patagônia a 46°, e *Cananéia* certificando com sua presença independente que jamais substituiu Cananor, nem foi este rio, Cananéia, mal escrito, como acreditaram muitos predecessores. São três rios autônomos, e o foram desde os momentos diferentes em que Jordan e Cananor apareceram nos primeiros mapas a 35 e 45° respectivamente e Cananéia — anos depois — a 25° e sob diferente jurisdição.

O primeiro período cartográfico e o segundo, deram, como já dissemos, os elementos da prova, pois esta se inicia no terceiro, com Castiglione, que mostra pela primeira vez os três rios escalonados ao longo da costa, a uns 10° de distância, Jordan do Cananéia, e Cananor do Jordan. Chegado a este ponto, sabe o crítico que se continuar examinando a prova à vista do público, esta o levará matematicamente ao reconhecimento de sua exatidão... e isso não quer que aconteça. Lança pois, uma cortina de fumaça para garantir sua fuga, procedendo da mesma forma que Duarte Leite em semelhante situação, e para não avançar até Agnese onde o Jordan se transforma no Rio da Prata e deixa uma prova líquida, exclama:

“E aqui nos detemos, pois no momento, escasso interesse tem a substituição do nome de Rio da Prata pelo nome de Rio Jordan, que serve de critério discriminativo entre os dois últimos períodos” (pág. 333).

Essa foi a cortina de fumaça, mas vejamos além. Como não há de oferecer interesse transformação tão definitiva, quando constitui a prova de que o Jordan, presente na cartografia desde Kunstmann II, de 1502, é o Rio da Prata! Como não há de ter transcendência o fato que coloca o descobrimento do grande rio na órbita da viagem de Vespúcio! *Bisogna essere volpe*. Pode ser. Mas sem exceder-se, sem forçar o verossímil, pois nem o crítico há de deixar de compreender que nenhum achado feito na documentação gráfica ou escrita do século XVI tenha sido como este, parte para consagrar os títulos do florentino como precursor das navegações austrais que chegaram ao Brasil meridional, Rio da Prata e Patagônia. No entanto, ante a incapacidade de provar o contrário, retrai-se e passa uma esponja exclamando: “e aqui nos detemos”. De repente lhe volta o espírito combativo, e forja uma defesa de bispo no jôgo de xadrez, dessas diagonais, que amparando, atacam:

EL RÍO CANANOR

NUNCA FUE RÍO CANANEA COMO CREYERON LOS PREDECESORES
 PUES APARECE ENTRE 1502 Y 1590 EN 29 MAPAS, 18 DE LOS CUALES PRESENTAN AMBOS RÍOS

CARTÓGRAFO	AÑO	CANANEA (25°)	CANANOR (45 o 46°)
Kunstmann II	1502		R. Cananor
Cavero	1502		R. Cananor
Waldseemüller	1507		Río Cananor
Ruysh	1508		Río Cananor
Tolomeo (Waldseemüller)	1543		Río Cananor
Kunstmann III (Pilestrina)	1545	R. Cananea	
L. de Vinci	1545	Cananea	
Globo Verde	1545 - 1520		Regio de Cananorino
Waldseemüller	1546		Río Cananor
Maggiolo	1549	R. Cananea	
P. Reinel	1519 - 1522	R. Cananea	
Schöner	1530		R. de Cananor
Turin	1523	R. Cananea	
Salviati	1526 - 1527	R. Cananea	
Castiglione	1526 - 1527	R. Cananea	Río Cananor
Maggiolo	1527	R. Cananor (sic)	
Ribeiro	1527	R. Cananea	Río Cananor
Caboto	1528 - 1544	La Cananea	Río Cananor
Ribeiro (Vema)	1529	R. Cananea	Río Cananor
Ribeiro (Roma)	1529	R. Cananea	Río Cananor
Verrazzano	1529	R. Cananea	
Wolffenbütel (Ribeiro)	1530	R. Cananea	Río Cananor
Oroncio Fines	1531		Cananor
Schöner	1533	R. Cananea	Cananor
Globo Dorado	1533	R. Cananea	Cananor
Oroncio Fines	1535	R. Cananea	Cananor
Agnese	1535	Río Cananea	Río Cananor
Santa Cruz	1540 - 1542	La Cananea	(Ca.) nator
Desliens	1541	Cananea	
Agnese	1543	Río Cananea	
Desceliers	1550	Cananea	
Agnese	1553	R. de la Cananea	Río de Cananor
Gastaldi	1554		Río de Cananor
Andrino P. Triguada	1556	Cananea	Río de Cananor
L. Hornem	1556	Cananea	
D. Hornem	1560	R. de Cananea	
A. Hornem	1561	R. de Cananea	R. de Cananor
Sutiérrez	1561	La Cananea	Río Casa [nor]
Velho	1562	Río Canane (aj)	R. de Cananor
Andrino Italiano	1564	La Cananea	Río de Cananor
D. Hornem	1566	R. de Cananea	R. de Cananor
López	1590		R. de Cananor

B. Quadro de 42 mapas que provam a precedência de Cananor (46°) nos descobrimentos, e sua permanente autonomia no que concerne a Cananéia (25°) nos mesmos mapas de 1502 a 1590.

“A primeira vis'a pode parecer persuasiva a reconstrução assim tentada (sic) por Levillier, sobretudo quando ao folhear o segundo volume se deitam os olhos à copiosa ilustração cartográfica que o acompanha, nem causa surpresa que alguém a tenha achado — sem dúvida depois de uma leitura muito apressada — (sic) tão “interessante” a ponto de aderir substancialmente às suas conclusões (36). Mas para os que olham mais a fundo (sic) as falhas de método saltam logo aos olhos, e mesmo esta parte da obra, à qual evidentemente o autor atribui a máxima importância, acaba por deixá-los insatisfeitos” (pág. 334).

Um crítico de responsabilidade, satisfeito ou insatisfeito com um trabalho que termina com uma prova feita, não procura o pretexto de uma *discrepância de métodos*, para fugir às conseqüências de uma atitude arriscada que êle tomou espontâneamente, mas sim faz frente às conclusões concretas apresentadas, e se não as considera certas, exprime claramente porque motivos, para êle, não o são. Sair pela tangente, como faz, e bater em retirada, com ínfulas de superior descontento, atrevendo-se além disso a repreender acremente aos que não pensam como êle, não é mais que confissão de impotência. Triste foi, além disso, a maneira de claudicar. Quase dá mais pena que aborrecimento, essa ingenuidade com que crêem os temerários tapar o sol com uma peneira.

Na sua nota 36, o crítico recorda no rodapé, a crítica do Prof. Almagiá, já citado, mas abrevia-a singularmente, por isso julgamos de interesse restabelecer para o leitor a referida parte que foi eliminada:

“Che il rio Jordan possa identificarsi col Rio de la Plata, risulta non solo dall'esame della sua posizione sulla costa rappresentata (esame che il Levillier fa con molta cura mettendo a raffronto le varie carte tutte riprodotte nello s'ralcio che interessa) ma anche dal fatto, che allorché appare in sostituzione de Rio Jordan il nome Rio de la Plata (quest'ultimo se trova per la prima volta in una carta di Battista Agnese del 1536) il primo nome — Rio Jordan. — sopravvive tuttavia, attribuito ad un piccolo affluente di destra dell'estuario” (31).

O Prof. Paolo Revelli, historiador, cartógrafo e bibliógrafo reputado, autor de importantes livros, Presidente do *Centro Genovese di Studi Colombiani* que organizou e dirigiu a Convenção comemorativa de Colombo, em Gênova, em 1952, apresentou na referida Assembléia um trabalho crítico sôbre *América la bien llamada e El Nuevo Mundo*. Conceitua a primeira uma

“opera da cui non puo prescindere lo storico dell'America Meridionale in quanto che il Levillier affronta una ampia serie di problemi nei quali tabora giunge a conclusioni che possiamo dirsi definitive, come nella questione delle tappe principali dei viaggi del Vespucci che sonno Capo San Rocco, Rio Jordan, (nome con cui si indica in un primo tempo, il rio de la Plata, con face a circa 35° lat. Sud.) e Cananor in Patagonia a circa 45° lat. Sud. La vasta materia e ordinata in un quadro grandioso...” (32)

(31). — R. G. I. Setembro de 1950.

(32). — *Actas de la Convención Colombiana de 1951*. Gênova, 1952. Seus principais livros, são: *Terra d'America e Archivi d'Italia*. 300 pág. Milão, 1926; *Cristóforo Colombo e la scuola cartografica Genovese*. 572 pág. Gênova, 1937; *Colombo*. 323 pág. Turim, 1945; *Il Genovese*. 273 pág. Gênova, 1950.

Como se deve sempre ouvir diversos pareceres de autoridades responsáveis e de grande fama, antes de formar um juízo, escolhemos para o leitor, entre outras, as vozes destes ilustres professores especializados na matéria. Quanto ao crítico insatisfeito, “que vê mais a fundo”, é claro que se limitou a uma jactância, sem opor às conclusões de nossa prova, as que sua hipertrofia visual, superior ao comum dos mortais, permitiu-lhe perceber, pois deixa aos leitores, a espera de um vidente, muito decepcionados.

V. — *Cananor, ponto terminal da viagem de Vespúcio à Patagônia.*

O Padre Federico Kunstmann descobriu em Munique em 1859, e estudou, os dois mapas que nos interessam, publicados êsse ano, no mesmo atlas. Deu-lhes as datas de 1502 e 1503-1504. Viu no II: *Cananor*, no III *Cananéia*: pensou que o primeiro era uma representação mal escrita do segundo e que ambos eram Cananéia no Brasil, a 25°. Os topônimos *Rio Jordan*, *Pinachullo Detentio*, *S. Antônio* e *Cananor* de Kunstmann II, dizem hoje, claramente que num périplo de 1502 se havia percorrido uma costa austral ao sul de 25°, mas ao restringi-la em Cananéia, e ater-se à *Lettera*, interpretou o cartólogo a viagem de Vespúcio influenciada por êsse errôneo conceito, e pareceu-lhe muito natural que a expedição seguisse depois de Cananéia por SSE até atingir o oceano. Dessa maneira se ajustava a carta escrita à carta desenhada. Kohl e Varnhagen, nos mesmos anos, foram dêsse parecer, o que induziu mais tarde seus sucessores a segui-los.

Indicamos antes como apareceu o rio Jordan com o nome de Solís em Pigafetta, com o de *S. Cristóbal*, em três mapas, depois da viagem de Magalhães, e com o de Hurnay depois de Caboto, até tomar definitivamente em Agnese 1536 o de *Rio da Prata*. O Jordan bíblico, pertence à Terra de Canaan, na Palestina; Cananéia evoca uma incidência da Paixão, e Cananor era um reino na Índia; mas nada se obtem dessas etimologias, nem se sabe das circunstâncias às quais se deve a aplicação dos nomes aos três rios. Contentemo-nos pois, à espera de explicações decisivas, em reconhecer a verdade provada da procedência náutica, e admitir que Vespúcio foi o padrinho do Jordan e Cananor.

Cananor, como vemos no quadro B, demonstra — sem explicações de nenhuma espécie, sua própria posição entre 45 e 46°, na Patagônia. Foi *permanente*. Não é um nome que figure em latitudes muito diferentes; encontra-se em 29 oportunidades, entre 1502 e 1590, em planisférios, portulanos e globos de toda a nacionalidade, sempre ao sul do Jordan. E a melhor prova de que não pode confundir-se com Cananéia, é que aparece simultaneamente com êsse rio, 18 vezes. A semelhança das primeiras sílabas de ambos foi perniciososa para Cananor e para a interpretação da viagem, pois desviou os críticos da façanha integral de Ves-

púcio. Abreviaram-na por acreditar que Cananor e Cananéia eram um rio do Brasil, e de conformidade com a *Lettera* projetaram-no por SSE, até atingir o Oceano.

América la bien llamada reúne e exhibe os mapas nos quais se impõe Cananor como rio independente. Some-se êsse topônimo a Jordan para provar assim que Vespúcio, contrariamente à *Lettera* e conforme a carta de Lisboa de 1502 e *Mundus Novus*, desceu desde o Cabo São Roque ao longo da costa, por SSO, descobriu e batizou o Jordan aos 35° e Cananor aos 46°. Guardou reserva em sua correspondência, provavelmente por ordem recebida do Rei de Portugal; nas suas viagens e suas escalas revelaram-se, silenciosamente, na cartografia que deriva de seus périplos, e contém os primeiros reflexos do hemisfério sul. Nossa demonstração divide a cartografia em quatro períodos e ocupa quase todo o II volume de *América la bien llamada*. Nela, como se pode observar, Jordan-Cananor formam um binômio indivisível. Com os mesmos mapas que servem para a prova do Jordan = Rio da Prata, e alguns mais, comprova-se de forma irrefutável a permanente autonomia e a exata posição de Cananor. Portanto, não é viável admitir-se tácitamente a parte do Jordan, e negar-se aceitar a de Cananor, nem tolerável a confusão de Cananor com Cananéia. Antes era erro, agora oferece os caracteres de uma farsa, premeditada para contrariar.

Cananéia é de importância secundária na prova, e nela não teria tido razão para salientar êsse rio, se não tivesse sido desde 1859 confundido com Cananor, ou Cananéia com êle, contribuindo assim para falsear o conceito da viagem ao restringi-lo ao Brasil. Repetimos: os sucessores, impressionados pela autoridade dos três eminentes geógrafos citados, aderiram a seu julgamento, sem olhar sequer nos mapas posteriormente descobertos, que lhes teriam proporcionado uma solução aclaradora (33).

Houve, no entretanto, entre os cartógrafos e críticos uma concordância, pelo menos sobre Cananor e Cananéia: reconheceram que procediam de viagens diferentes. As datas serão vistas melhor neste quadro:

GEÓGRAFO	KUNSTMANN II	KUNSTMANN III
1859 Kunstmann	1502	1504-1505
1860 Kohl	1502	1504-1505
1865 Peschel	1502	1502-1504

(33). — Veja-se os trabalhos dos predecessores no vol. II, pág. 297-322.

GEÓGRAFO	KUNSTMANN II	KUNSTMANN III
1892 Ruge	1502	1503-1504
1892 Kretschmer	1502	1503-1504
1892 HARRISSE	1502	1503-1504
1912 Philips	1502	1503-1504
1923 Duarte Leite posterior a	1506	1506 ou depois
1935 A. Cortesão	idem	idem

O leitor comprovará que todos consideram Kunstmann II anterior a Kunstmann III. Isto destrói a suposição de que Cananor pudesse ser Cananéia mal escrito, pois pertenciam a uma cartografia anterior. Magnaghi foi do mesmo parecer, a respeito da antiguidade de Cananor, ao escrever:

“Anche le carte del resto danno il periplo solo fino al rio Cananor, como hanno le carte antiche o Cananea che ricorre piu tarde ch'e situata pressa poco al 25° sud'. (Magnaghi, vol. II, pág. 211).

Para êle, pois, Cananor é anterior a Cananéia, mas transforma-se nesse nome nos mapas do périplo seguinte, e isto já o vemos, não é plausível em razão de latitudes; Cananor situado a 45° em 1502 em Kunstmann II, Cavério e outros mais, não se pode transformar em Cananéia a 25° nos mapas posteriores, maximé quando depois de Magalhães vê-se Cananor de novo na mesma baía e na mesma latitude de 45°, ficando, entretanto, nesses mesmos planisférios Cananéia em 25°. Não cremos que a distância de anos entre os dois topônimos fôsse tão curta como o supunham os predecessores. A quarta viagem de Vespúcio foi de 1503-1504 e seria temeridade atribuir a êsse périplo — que não parece ter ultrapassado Santos — tôda a toponímia que figura pela primeira vez em mapas de mais de 10 anos posteriores a essa data. Êstes, que revelam contemporaneidade pela sua configuração e pela presença de certos topônimos, são seis: Vinci de 1515, Jorge Reinel de 1518, Maggiolo de 1519, Pedro Reinel de 1519-1522 e Kunstmann III, que sugerimos se datasse de 1515, pelos indícios que demos. Rodrigues é mapa mudo, mas o desenho da costa é quase idêntico ao de Kunstmann III. Forma parte de um roteiro dêsse piloto português aproximadamente de 1515, e assinala possível data por analogia de forma. Sem afirmar sobre a nomenclatura, como pretende a crítica, apenas conjecturando, examinamos fontes alheias à cartografia. Observamos que quatro nomes: *S. Agostinho*, *Cabo Frio*, *Rio de Ostras* e *Rio Cananéia*, que não figuravam no período anterior, estavam neste segundo. A essa circunstância favorável, uniu-se outra: a semelhan-

ça notável da configuração do litoral. Por êsses motivos, agrupamos êsses mapas num mesmo período: 1515-1522.

S. Agostinho é o rio que Vespúcio tocou e batizou em 28 de agosto, como o indicamos, não só ao marcar as referências de suas escalas (Vol. II, pág. 12) mas também no gráfico em que assinamos as principais incidências da viagem (Vol. II, pág. 331). Não figura nos primeiros mapas, e, ao contrário, encontra-se nestes outros. Ainda que o topônimo seja de Vespúcio, o fato de aparecer cronologicamente em vários mapas de época análoga indica relativa coetaneidade entre êstes, já que êles o incluem pela primeira vez. No *Esmeraldo de Situ Orbis* de Duarte Pacheco, encontramos menção de *Cabo Frio*. Ocupamo-nos extensamente dêsse livro para avaliar seu conteúdo e apreciar o grau de verosimilidade de suas alusões a uma viagem ao Brasil, anterior à de Cabral (Vol. I, pág. 148). Sugerimos pôr certos indícios, que essa obra, sem assinatura nem data, fôsse considerada escrita entre 1505 e 1518, em vez de 1505 e 1508, data suposta, geralmente aceita desde há algum tempo para cá. Da data aproximada de 1514 poderia ter sido o Cabo Frio. *Rio de Ostras* está na maioria dos mapas dêsse período. *Cananéia* aparece em Leonardo de Vinci, descoberto pelo geógrafo Henry Major, na biblioteca do Palácio de Windsor, em 1865. Datou-o de 1513-1514. Kretschmer: 1515; Winsor: 1514; Wieser: 1515 e outros lhe fixaram anos análogos, entre êles, Magnaghi, que escreveu em sua obra:

“Si ha per la prima volta Cananea nell globo detto di Leonardo de Vinci del 1515” (Vol. II, pág. 200).

Apesar de procurar também Cananéia na documentação escrita, não o encontramos até 1536, mas o texto é decisivo (34). Depois de recolher assim, fora da cartografia, estas confirmações do que indicavam os mapas, chegamos à conclusão de que Kunstmann III por sua costa e sua Cananéia, podia estimar-se de cerca de 1515 como Rodriguez e Vinci. Ainda que tivéssemos fé integral nela, robustecida por Maggiolo e os Reinel, não a demos como prova feita, e expressamô-la da seguinte forma:

“creemos haber demonstrado que el mapa de Kunstmann III está muy en su sitio en este ciclo (1515-1522) y no lo estaba en el anterior”. (Vol. II, pág. 82).

Nossa problema, como já o dissemos, era proyar que Jordan foi o Rio da Prata, Cananor um rio na Patagônia, e ambos os lugares, as escalas que certificam a inflexão SSO continuada, da via-

(34). — Veja-se em Enrique de Gandía, *Gregorio de Pesquera*. Buenos Aires, 1935, a Capitulação de 21 de agosto de 1536 na qual a Rainha Joana concede a êste o direito de criar especiaria “la tierra adentro que comienza desde donde dicen la Cananea hazia el rio de Santa Catalina”, e em outra cédula real de 9 de setembro, Carlos V determina mais: “tierra que ay en la del rio de la plata que es de nuestra demarcación, que comience desde donde dicen la Cananea...” pág. 38 e 50.

gem de Vespúcio e seu preciso término. Aperfeiçoar o conhecimento da data de Cananéia era uma medida tomada *de passagem*, para ratificar a independência de Cananor. Este rio não podia ser Cananéia mal escrito, pois *nasce* antes na cartografia; tão pouco pode transformar-se em Cananéia, pois se Cananéia não surge nos mapas do primeiro período, nem figura no segundo, ambos coexistem depois por séculos, em latitudes e jurisdições diferentes, cada um com seu próprio nome na terra e na altura em que aparecerá pela primeira vez. Esta prova foi imediatamente admitida pelos cartólogos, peritos, geógrafos, historiadores sagazes que sem forçar antagonismos ou rotinas, verificaram-na com os mapas e fundamentos publicados, à vista. São demasiados para lembrá-los todos, e nos circunscrevemos a algumas autoridades de instituições especializadas (35).

Do *Instituto Histórico de la Independencia Americana*, por Enrique de Gandía, seu Presidente:

“Levillier ha logrado probar en forma nueva, original y erudita que nuestra costa atlantica hasta la plena Patagonia, fué descubierta y recorrida por Vespucio en 1502. Esta comprobación que gracias a sus investigaciones parece indestructible, obliga a reformar todos los manuales y obras superiores en que se atribuye a Solís el primer encuentro del río de la Plata en 1516 y la primera visión de la Patagonia a Magallanes en 1520. Su examen crítico de la más antigua cartografía americana, revela, asimismo, que el primer nombre de nuestro río de la Plata puesto por europeos fué el de Jordán y que el río llamado Cananor que tantos geógrafos confundieron con Cananea, en el Brasil, se hallaba, en cambio, en la actual zona argentina de Camarones”. Buenos Aires, julho de 1949.

Do *Instituto de San Felipe y Santiago de Salta*, por Atílio Cornejo, seu Presidente:

“No solamente asombra la múltiple cuanto calificada prueba que aporta el autor para arribar a sus conclusiones sino también el análisis de dicha prueba que significa un brillante alegato de bien probado o con más propiedad una magistral sentencia definitiva e irrevocable... ese esclarecimiento despeja la oscuridad que envolvía la historia de los orígenes de la Argentina al definir y probar por primera vez la extensión del viaje que recorrió su litoral hasta la proximidad de las Malvinas 14 años antes de Solís en la parte del río y 18 años antes de Magallanes en la región de la Patagonia”. Salta, janeiro de 1949.

Do *Professor Roberto Almagiá*, já citado:

“E stato, sempre secondo il Levillier il Maggiolo (o meglio la sua fonte) il primo ad equivocare tra Cananor e Cananea trasferendo a nord, intorno a Cananea un grupo di nomi che in origine erano sul lombo di costa piu meridionale, intorno a Cananor. Ma che si tratti in ogni caso, di due localita in origine distinte, sembra dimostrato soprattutto dal fatto che altre carte, come la carte Cas'iglione di Mantova, tutte le carte del gruppo Ribcero, il mappamondo di Sebastiano Cabotto e altre, contengono entrambe le localita nelle rispettive posizione originarie”. E acrescenta mais adiante: “Il Vespucci

(35). — Veja-se o folheto contendo os juízos críticos. Kraft. Buenos Aires, 1951.

avrebbe scoperto l'estuario tra il 10 e il 20 marzo 1502 ad avrebbe proceduto poi più a sud fino al río Cananor a circa 45° lat. S. (3-7 Aprile); la ricostruzione dell'itinerario e data del Levillier nella carta a p. 331 e sembra in sostanza attendibile per quanto vi siano dubbi sulle date". Florença, settembre de 1950.

Do Prof. Carlos E. Grez Perez, da Universidade Católica de Santiago de Chile:

"Cananea, Jordán y Cananor eran tres ríos independientes situados por 25, 35 y 45 grados de latitud sur aproximadamente, como se comprueba al revisarse el material cartográfico, y al encontrarse esos nombres que fueron transformándose, el Jordán en Río de la Plata y el de Cananor en río de Camarones. Jus'ísimo es inferir que desde ese año o antes de 1502, una expedición había recrrido la costa meridional del Brasil, del Uruguay y de la Argentina, descubriendo hasta 45 ó 47 grados de latitud en tierra y 50 en el mar como lo escribió Vespucio. De su analisis se desprende pues, que el florentino al pasar con mando de la flota, desde 25° hasta el río Cananor, descubrió el litoral de los estados de Paraná, Santa Catalina y Río Grande do Sur además el Uruguay, el río de la Plata, el cerro de Montevideo y la costa Patagónica hasta la vecindad de las Malvinas. Santiago de Chile, março de 1950.

Dos Professóres Benjamin Villegas Besavilbaso e Ricardo Zorraquín Becú, Presidente e Secretário de la Sociedad de Historia Argentina:

"Sin duda alguna la parte mas novedosa e interesante de América la bien llamada, está destinada a la interpretación del t rcer viaje de Vespucio de 1501-1502... De results de esta navegación aparecieron en los mapas portugueses inmediatos los nombres de Río Jordán, Pinachullo D. tentio y Río Cananor que se identifican fácilmente con el Plata, el cerro de Montevideo, y el antiguo río Camarones hoy desaparecido. La demostración está perfectamente realizada y el hallazgo es digno del aplauso de los estudiosos porque restituye a ese viaje tan discutido su enorme importancia y convierte a Vespucio en el auténtico descubridor del Río de la Plata y de la Patagonia". Buenos Aires, dezembro de 1949.

América la bien llamada no seu segundo volume se circunscreve principalmente à prova de Jordan e Cananor, que tanto ilumina a rota da expedição de Vespúcio: utilizando, com efeito, a cartografia atlântica americana das primeiras navegações austrais. Classificou os mapas em períodos desde o de Vespúcio até o de Mendoza.

Com uma prova desta envergadura, o conjunto reunido de mapas e fundamentos, ultrapassa a própria finalidade, e em sua aplicação à náutica, torna-se de interesse americano.

Cananor, como vimos, é topônimo capital na demonstração. Corrobora com sua latitude o número de léguas percorridos ao longo da costa, tal como exprimira Vespúcio na carta de Lisboa de 1502 e em *Mundus Novus*, e reafirma com sua precisão, seu direito de ser considerado descobridor do Brasil meridional e da Argentina; mas esta solução tão bem fundamentada e decisiva para história e o florentino, molesta o crítico cujo propósito é, às

claras, opor-se, seja como fôr, a quanto desvirtui a tese de Magnaghi. Leva sua cegueira até a sujeitar a interesse de Vespúcio ao do seu mestre como êste sacrificara antes à fama do florentino o da história da América. A evidência de que Cananor a 46° foi o término (em terra) da navegação de 1502, derruba a suposição já citada de que o florentino chegou a uma baía a 50°, e denominou-a S. Julián!! E a crítica para sustentar a fantasia de Magnaghi, intenta destruir a prova, ou pelo menos obscurecê-la, paulatinamente, arbitrando pretextos que pareçam razões, e semeiem confusão. A trapaça é verdadeiramente indignante. Não ataca a prova dos 29 mapas de Cananor, não a revisa, tão pouco a nega, não a vê; em compensação, lemos com assombro:

“resta-nos tratar do topônimo Cananéia sôbre o qual se apoia em substância tôda a reconstrução ten'ada por Levillier” (pág. 340).

E aqui começa um exibicionismo dialético tendente a desviar a atenção de Cananor, cuja prova sente irrefutável. Cananéia, já o vimos, é em importância diante de Cananor, como a lua diante do sol. Não existe em nenhum dos mapas que refletem a viagem de Vespúcio, na prova destinada à orientação e às escalas; aparece posteriormente. Mas a crítica resolve aproveitar a confusão existente desde a época de Kunstmann, e a reaviva, centralizando-a em Cananéia, no qual nem sequer em parte se apóia a reconstrução. Demos a prova da independência de ambos os rios, com os 18 mapas nos quais figura Cananéia a 25°, simultâneamente com Cananor a 46°, entre 1526 e 1590. Tão pouco a nega; não existe, por obra de magia se desvanece. E' extraordinário tudo o que ignora um crítico quando se propõe não ver. Cananéia serve assim para “jeter la poudre aux yeux”, desviar, criar perplexidades, o velho procedimento de Scapin. Já se conhece a receita: manter à distância o que se quer deixar na escuridão. E para isso se enchem páginas com discussões subalternas e chicanas mesquinhas: v. g., se a data de Kunstmann III e Cananéia há de ser de 1515 ou 1506; se a do livro de Duarte Pacheco é de 1505-1508 ou de 1505-1518, controvérsia já iniciada por Duarte Leite, cujos mesmos argumentos repete (36); se está bem ou mal a data atribuída a Vinci; se certos topônimos que incluímos no segundo período são dêste ou do primeiro. Êsses pormenores sem gravitação não merecem a perda de tempo que ocasionam; mas são caminhos de atalho para afastar o leitor das conclusões: Jordan-Cananor; reconcentrar o enganoso foco de luz em Cananéia, e rematar essa laboriosa astúcia com a negação da prova feita:

“Até que outros argumentos diferentes dos de que faz uso Levillier nos convençam do contrário, devemos admitir: a) que Cananor e Cananéia sejam

(36). — *Archives Internationales des sciences*. Paris, julho de 1950, pág. 749, nota (2) e Caraci, *Revista de História*, pág. 346.

variantes de um único nome, com o qual os portugueses quiseram indicar originalmente não já o extremo ponto austral atingido por Vespucci, na sua segunda viagem; b) mas o limite que a esta devia ser fixado oficialmente nos mapas; c) de maneira que não se conhecesse o que havia sido de facto descoberto além desse limite..." (pág. 341).

As letras *a*, *b*, e *c* são introduzidas por nós, para facilitar a análise destes elementos confusionistas apresentados como de costume, dogmáticamente.

a) Ressucita a crítica com esta equivalência, a confusão de Kunstmann, de Cananor = Cananéia, mantida pelos predecessores até Magnaghi inclusive, e derruída em *América la bien llamada*, graças ao novo sentido dado ali a Cananor. Não cabe após o que foi dito acrescentar novos elementos aos que já demos para provar que foram rios independentes situados a uns 20°, ou seja, 350 léguas de distância. Cananor aparece em 1502 em Kunstmann II e Cavério; Cananéia em Kunstmann III por 25° de latitude, anos depois. A quantidade de anos pouco importa: o que sim, dirime as dúvidas, é que ocupam latitudes muito diferentes e que Cananéia como Cananor, não se afastam das jurisdições nas quais nasceram, senão por erros ocasionais de Maggiolo e o autor de Turim, em todos os mapas Cananor foi um rio na Patagônia a 45 ou 46° e Cananéia outro brasileiro a 25°. Essas posições geográficas diferentes são verdades inexpugnáveis que erige a cartografia, retamente interpretada.

b) A crítica teoriza com termos que por sua inanidade caem no vazio. A cartografia conhecida impossibilita o suposto de que Portugal intentara fixar, em seus mapas, com Cananor, o limite que oficialmente queria que se fixasse para seus domínios. Esta falsidade é destruída por este argumento implacável: salvo Kunstmann II e Cavério — mapas portugueses — que mostram Cananor vários graus ao S. do Rio Jordan, dando-lhe assim seu lugar, *não existem outros mapas dessa nacionalidade que mostrem Cananor*, até 1554, em que aparece o anônimo português, e *ele marca Cananéia a 25° e Cananor a 46°!* Por conseguinte carece de base em que apoiar-se o crítico para emitir o juízo que a própria cartografia joga por terra.

c) Quanto à ocorrência de que Portugal transformou Cananor em Cananéia para *dissimular que tinha feito descobertas mais ao sul* — idéia de Magnaghi — tão pouco se coordena com a verdade. Se tivesse querido desorientar de tal forma, acêrca da existência do périplo, teria cortado a costa nos mapas a 25° inscrevendo ali: *Jcrdan* e *Cananor*. Então sim teria enganado; mas Kunstmann II mostra a costa desenhada, com sua justa inflexão SSO, até Cananor, vários graus ao sul de Jordan = Rio da Prata (35°), e é evidente que em Lisboa, traçaram esse mapa em 1502 estritamente de acôrdo com o caderno de navegação, e desde logo com a esperança de reservá-lo para si. Espanha o soube, no entanto, e utilizou-o em sua própria cartografia. Cananor foi assim

desde seu nascimento, a expressão de uma realidade geográfica, conhecida e fixa, que não se moveu por séculos dos 45 ou 46° S. O segundo período cartográfico repudia com igual razão a pretensão alegada. Kunstmann III, Vinci e Rodrigues, únicos mapas portugueses dêsse tempo e dessa região, marcam o fim da jurisdição lusitana (Vol. II, pág. 55 e 57) mostram a costa e a toponímia do Brasil, e essa termina nos dois primeiros com Cananéia, não com Cananor que pertence a Patagônia. Não se torna possível com Vinci e Kunstmann III e sua graduação imaginar que o rio Cananéia ali visível, possa identificar-se com o Cananor do primeiro período situado a mais de 2.000 quilômetros ao sul. A argumentação feita, basta provavelmente para descartar a tentativa de confusão, mas queremos triturá-la. Nos períodos cartográficos posteriores à viagem de Magalhães, encontra ela seu sepulcro, pois nos mapas espanhóis, italianos, alemães e franceses de Castiglione, de Ribeiro, de Caboto, de Wolfenbuttel, Oroncio Fineo, Schöner, Agnese, Santa Cruz, etc., aparece Cananor colocado a 45° de latitude como em Kunstmann II, provando que não mudou de lugar, e ademais, em todos êsses mapas, vê-se figurar Cananéia como antes, a 25° e o leitor pode verificar no quadro, B, que até 1554, não figura na bibliografia cartográfica conhecida nenhum mapa português dessa região, cujo litoral desça até o estreito. Por conseguinte, — e como quer que seja se se perderam nesses 40 anos mapas portugueses não os pôde conhecer o crítico — não se justifica de modo algum a tendenciosa interpretação comentada, e a tese é falsa de toda a falsidade, tanto em a) como em b) e em c) até o ponto de que longe de ser Cananor, na vontade dos portugueses, o limite que oficialmente devia de fixar-se nos seus mapas para dissimular seus descobrimentos mais ao sul, é inversamente, a prova involuntária, cartográfica, flagrante e inequívoca, de seu grande périplo austral de 1501-1502, levado a bom término até pelo menos 46°, ao longo da costa da Patagônia, por Vespúcio.

As extenuantes e ineficazes acrobacias mentais do crítico para desfigurar a verdade e desviar dela o leitor, não terminam com o que acabamos de refutar. Não satisfeito ainda de tudo, ruma algo mais, que agregue verosimilidade ao que êle sabe ser um mero produto de sua vontade, e sente a necessidade de explicar aquilo que em mapas como Castiglione, os Ribeiro e 16 mais, figure com Cananor em 46 graus: Cananéia em 25. Isso é desagradável para sua tese. Isso parece ademais dar razão à nossa prova. Teria que encontrar algo, e como nossa prova é nova, será forçoso inventar algo que também seja novo. Por fim, como o *bisogna essere volpe*, sói ser fonte de engenho, industria uma portentosa *ccmbinazione*, portentosa como exibição de malícia e de vontade de não render-se à evidência. Não obstante, resulta por

sua crua inverosimilidade num recurso desesperado e o equivalente de uma derrota admitida:

“não é improvável que uma vez corrompido Cananor em Cananéia, se tenham feito de um só dois topônimos diferentes dos quais o primeiro foi impellido mais para o S. na posição fixada por Vespúcio e o outro deslocado para o N. outro tanto. Mais do que isto não julgo licito afirmar por agora” (pág. 343).

O que sugere esta repentina preocupação de liceidade é a aloucada perambulação de topônimos ao longo da costa desta forma: 1.º saíu Cananor, logo foi transferido para o norte e tomou o nome de Cananéia; por fim se reincorporou ao S. e Cananéia foi impellido em direção N!!! No pesadelo de um dipsomaniaco, isto é viável; mas os mapas não são visões ou entes abstratos, mas realidades, e as fantasias se estraçalham contra êles, denunciando que certas mãos sabem às vêzes torcer a verdade como se fôsse pescoço de ave. Com a cartografia, a brincadeira de sobe e desce por um pau de sebo, fracassa. O crítico evita cuidadosamente indicar em que portulanos ou planisférios se produzem tão surpreendentes metamorfoses e *como o há de fazer, se não existem!* Tão pouco explica porque pretende o desaparecimento de Cananor a 45º do primeiro período e sua corruptela em Cananéia a 25º no segundo, quando media entre ambas latitudes, uma distância análoga à que separa Hélsinqui de Salônica, e quando depois de surgir completo na cartografia o litoral austral, como é o caso após Magalhães, torna-se a encontrar Cananor e Cananéia nos mesmíssimos lugares e nas mesmas posições em que apareceram antes.

O conceito dos cartógrafos acêrca de Cananor não se altera entre a viagem de Vespúcio e a de Magalhães (veja-se Kunstmann II, vol. II, pág. 10 e 13; e Castiglione, Ribeiro e Caboto, pág. 101 113 e 121). Cananéia tão pouco move-se um ápice, jamais. Tal como surge em Vinci e Kunstmann III, no Brasil, permanece para sempre entre 24 e 25º. Não deixam pois, os mapas, interstício nenhum pelo qual logre o temerário revolver a prova.

Os predecessores puderam cair na confusão de equivalência Cananéia = Cananor, porque existia desde 1859 sem que se houvesse suspeitado dela, e porque ninguém pensou que o problema se resolveria com a exploração, em profundidade, da toponímia. Não se sabia do significado de Cananéia, Cananor e Jordan, tal como o revelam os mapas *in extenso*; em nosso livro, e em síntese, nos quadros A e B. O crítico, sim, dispôs da prova, e apesar de seu intento de transtorná-la, captou-a a fundo. Suas cargas contrárias, desesperadas por parecer consistentes, recordam-nos as diabruras de Mefistófeles na caverna de Auerbach, quando querendo entreter Fausto, fura uma mesa e faz brotar dos buracos jorros de vinho para os beberrões. Em seguida fascina-os, e enquanto ficam estáticos ante paisagens que desfilam a seu conjuro, desa-

parece com o Doutor. Resume um Siebel, ao recobrar os sentidos, a impressão sofrida: "Tudo foi engano, ilusão, nada mais".

* * *

La critique est facile et l'art est difficile, disse um sábio.

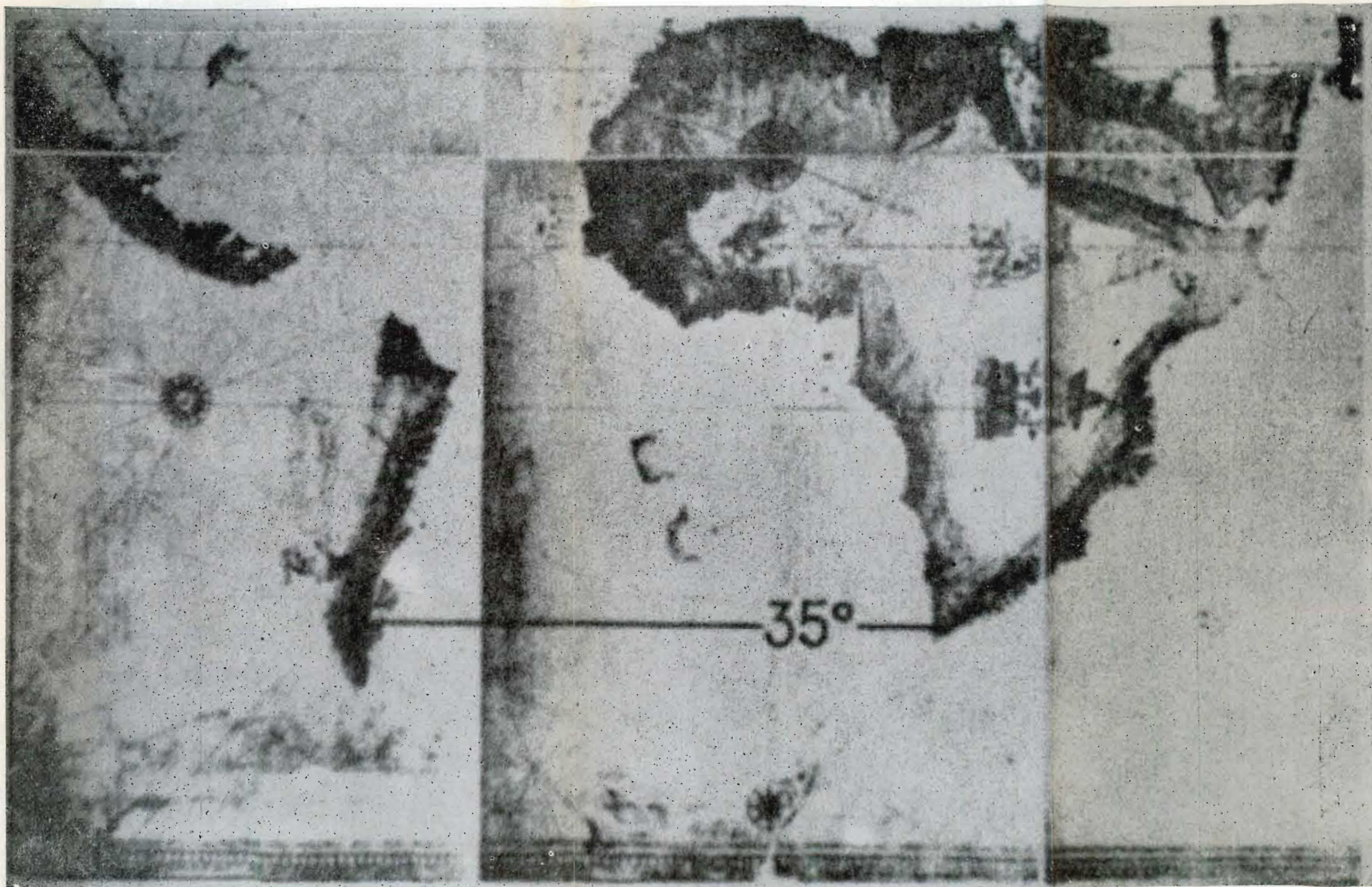
Existiam poucos quadros contemporâneos dos grandes descobrimentos, e mence estudos sôbre a nomenclatura do litoral austral americano e sua origem histórica, quando *América la biera llamada* reuniu os mapas representativos para analisá-los um por um, compará-los, ordená-los e associar suas revelações aos que surgem dos relatos das viagens do século XVI. Sem ser definitivo êsse ensaio panorâmico, pois cumpre aperfeiçoá-lo, foi parte para alcançar a solução do périplo 1501-1502 ao longo da costa e elucidar que Vespúcio foi o descobridor do Rio da Prata e da Patagônia, graças à determinação do rumo e suas escalas. Agora é cômodo transitar com insincera desenvoltura por essas novíssimas contribuições, censurando aqui, excluindo lá, enredando estoutra em capciosos exercícios retóricos. Os reparos, antes que história, evocam a diatribe, com o fim premeditado de derrubar uma prova que irrita o crítico, advogado de uma utopia que ela destruiu. Arrancada a máscara, julgarão os leitores se o trabalho que aqui comentamos foi crítica, ou se deve tachar-se de sabotagem.

Temos fé na eficiência dos críticos e sabemos quão fecunda pode ser sua ação monitora para formar a juventude, quando inspirada no bem, soluciona dúvidas, define, ilustra, orienta, e se aplica a elevar consciências. Em realidade sua ética não difere da do autor ou do mestre, quando os três, límpidos e solícitos, vivem atentos à sua responsabilidade ante os discípulos, que neles confiam. Como não respeitar tal vínculo de probidade, cuidando de não embai-los com essas *falias* e *fobias* que inflamam a paixão! E, que ato deplorável é manchar, por rancor, espíritos juvenis, com lições de cinismo, sôrna e malevolência, e por um panegírico ou para uma agressão, desfigurar diante de seus olhos, um trço da história! Contudo, se o culto da verdade pode provocar ressentimentos nos utópicos ou seus defensores, não deixam essas reações de ser pontes, graças às quais se esclarece o fim original diante dos leitores. Queiram êles ver nesta expansão, nossos anelos de firmar sua fé nas navegações de Vespúcio, e sua inspiração de precursor, pois tudo isso foi e continua sendo história da América.

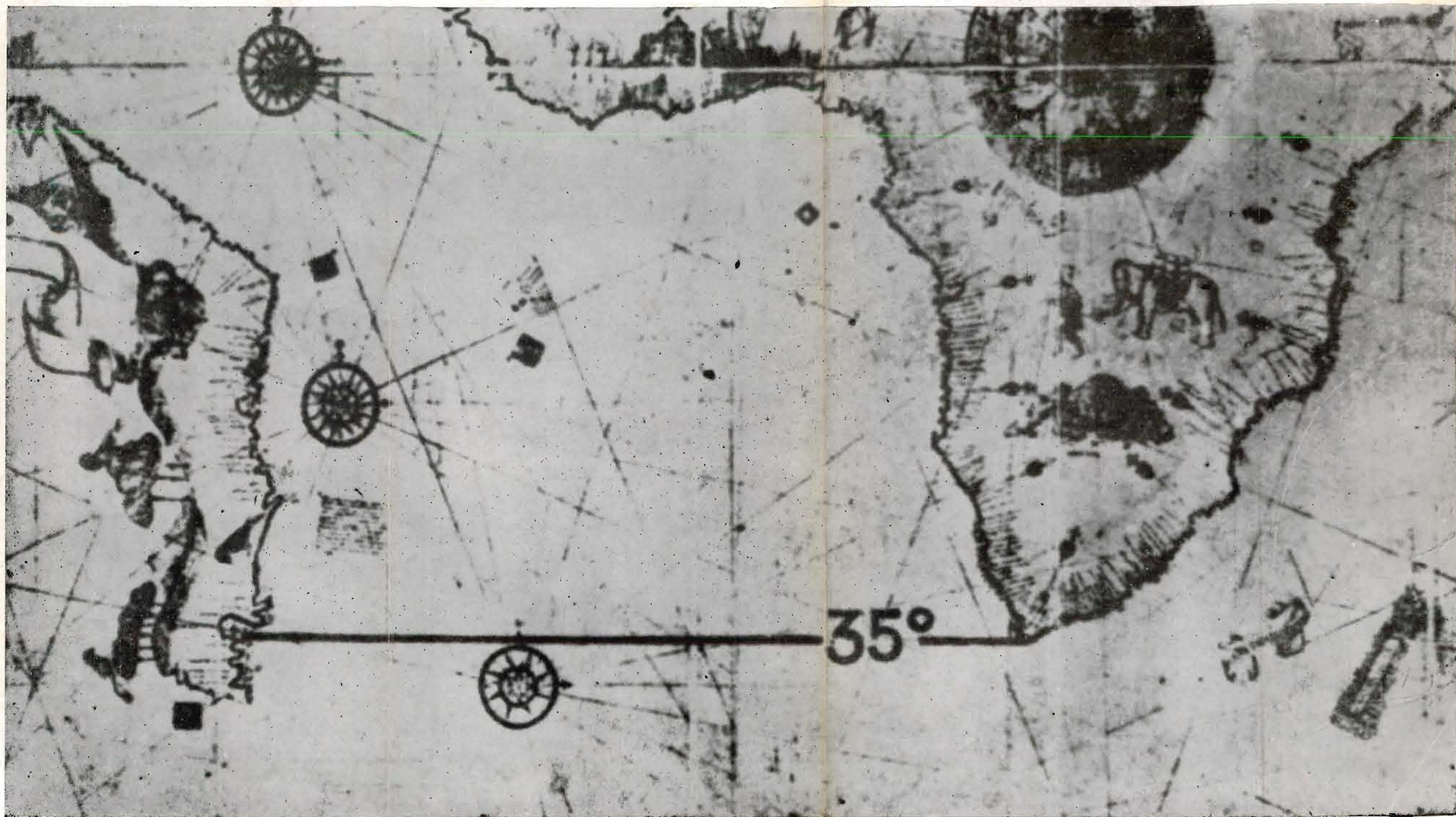
Creemos necessário insistir neste ponto, ao ver tantos esquecê-lo, crendo que Américo Vespúcio pertence mais à Itália, Espanha

ou Portugal, que ao *nosso continente*. Cumpre lutar contra esse erro generalizado, até pulverizá-lo, pois origina indiferença e ingratidão. E se entre as nações do Atlântico, há duas com mais obrigações que outras, e mais direito a incorporá-lo em seus próprios anais, é o Brasil cujas províncias meridionais foi o primeiro a percorrer e a descrever, e a Argentina que lhe deve o descobrimento do Prata e da Patagônia. Velar sobre a veracidade das viagens e as cartas de Vespúcio sem tolerar as *fobias* e *fílias* dos críticos, é, pois, cuidar da história da América e em particular da nossa.

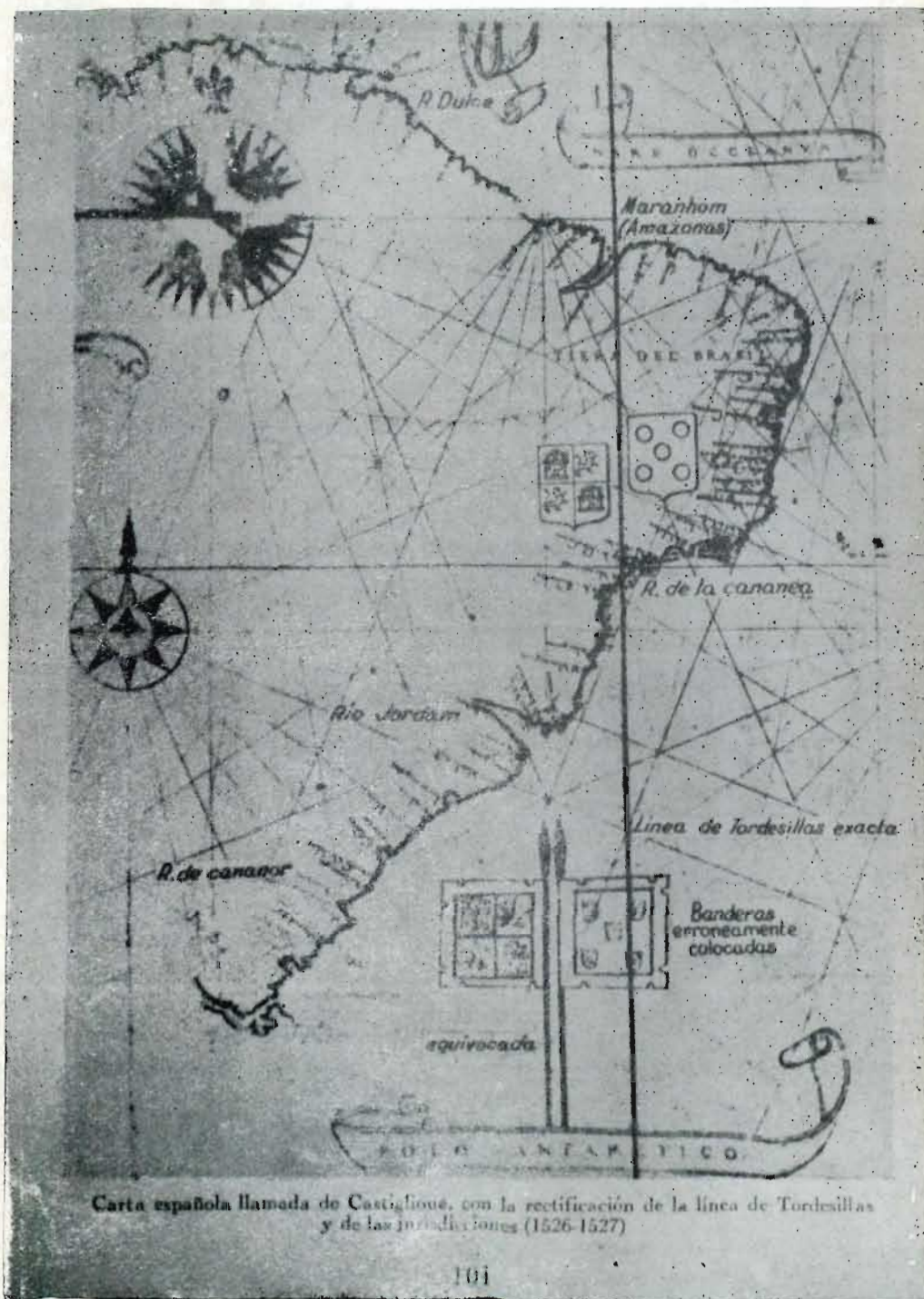
ROBERTO LEVILLIER



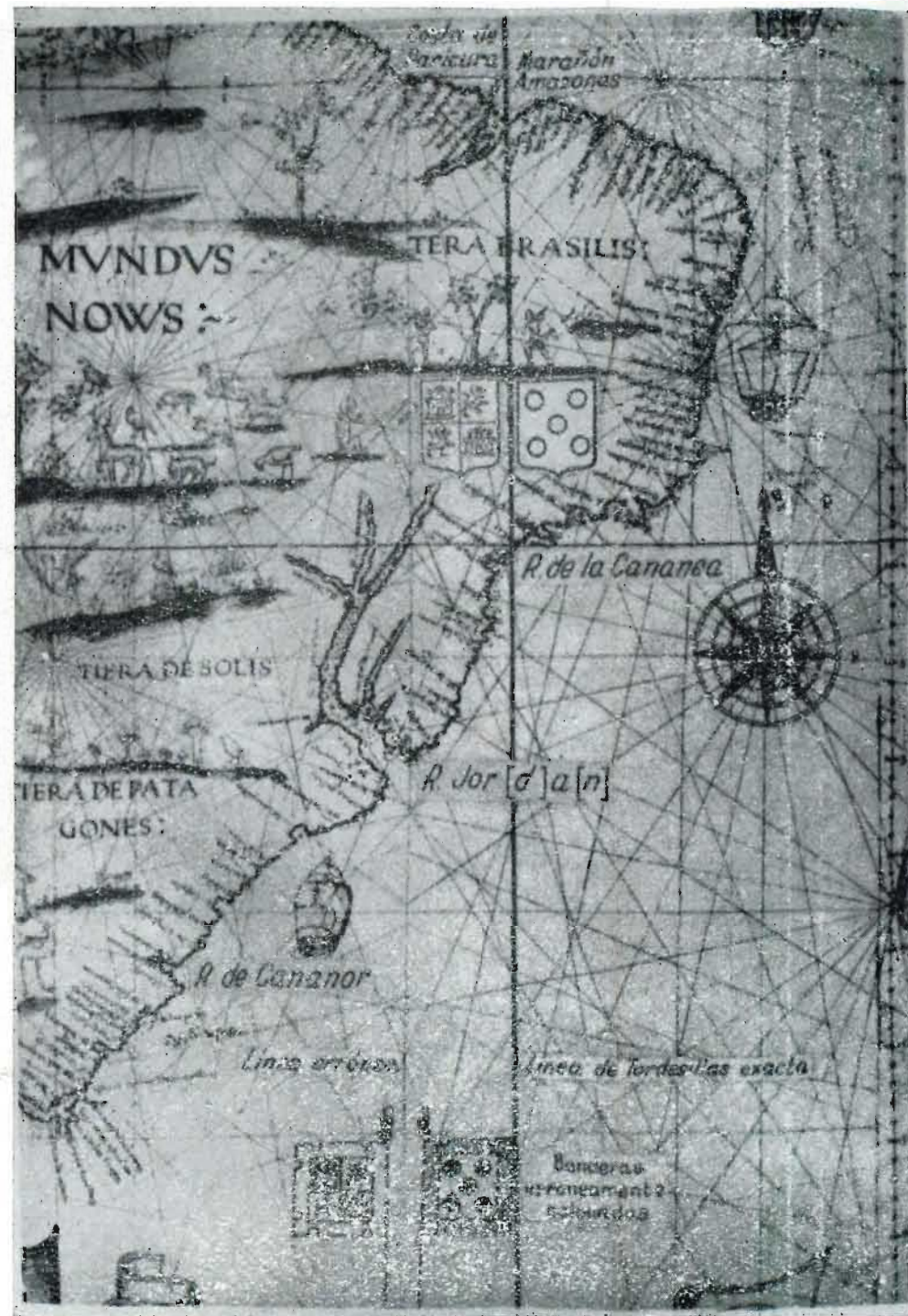
Primeiro mapa de 1502 no qual se lê Jordán, num vasto estuário alinhado com o Cabo da Boa Esperança em 35°, vendo-se ao sul San Antonio e mais longe Cananor.



Mapa de 1502 no qual se lê Jordán, num vasto estuário alinhado com o Cabo da Boa Esperança em 35°, vindo-se ao sul San Antonio e mais longe Cananor. Pode observar-se que a costa está dirigida de N. a S.

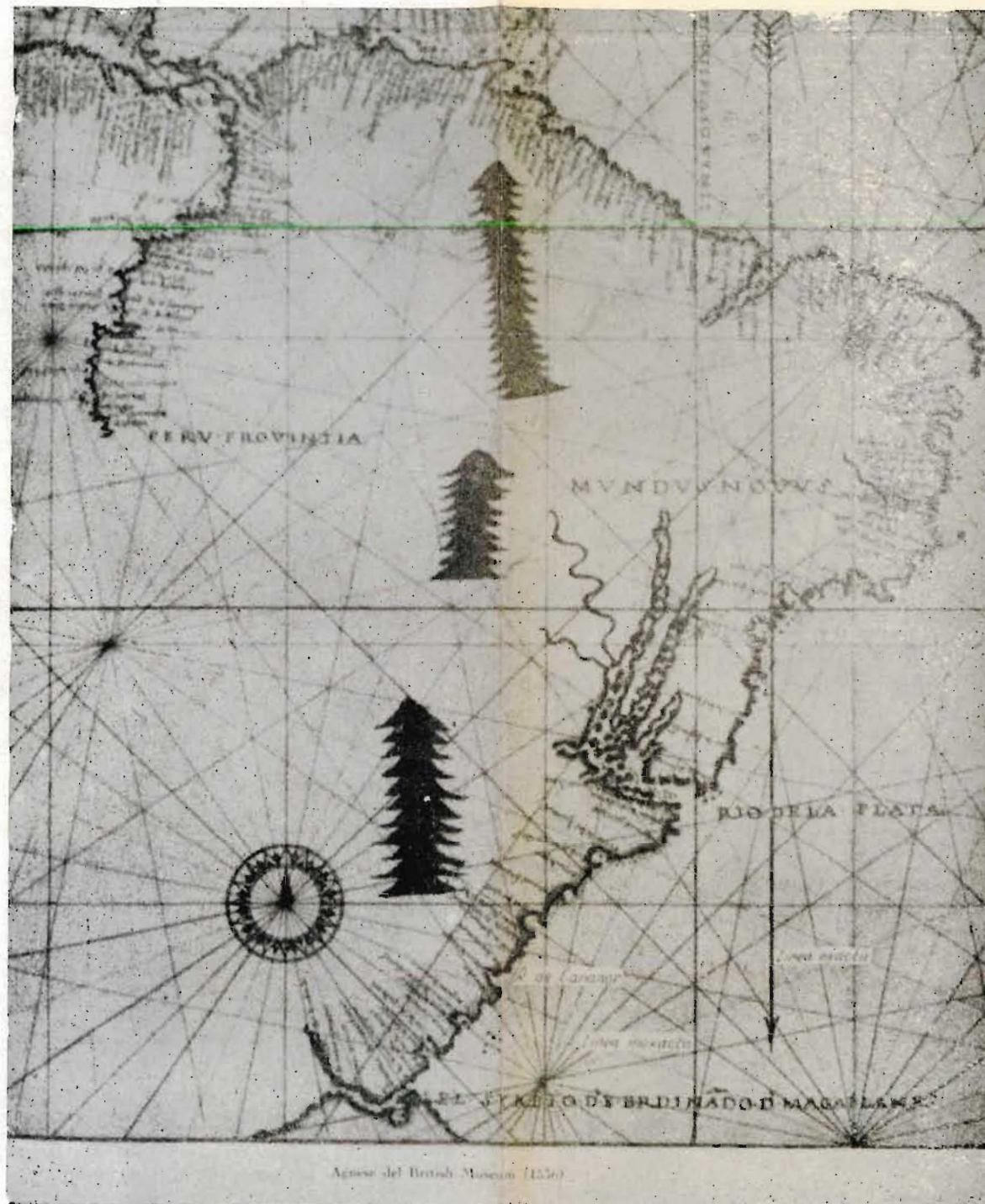


Carta española llamada de Castiglione, con la rectificación de la línea de Tordesillas y de las jurisdicciones (1526-1527)



Mapa de Diego Ribeiro de 1529 que repete nos mesmos sítios e na mesma forma os topónimos já apresentados por Castiglione em 1526: Cananea, Rio Jordan, Rio Cananor.

Mapa chamado de Castiglione, de 1526, no qual se lêem p.a primeira vez os três nomes colocados antes como Cananea em 25°, Rio Jordan em 35°, agora posto en're os Cabos de Santo Antônio e de Santa Maria, e dez graus mais ao sul o Rio Cananor.



Agnese del British Museum (1536)

Mapa de Agnese de 1536, no qual aparecem os mesmos topônimos presentes em Castiglione e nos Ribeiros, com a diferença que desde então e para sempre, surge o nome Rio de la Plata que substitui na mesma latitude e entre os cabos de Santa Maria e Santo Antônio ao Rio Jordán de 1502. Permanecem nos seus sítios Cananea ao norte e Cananor ao sul, marcando este rio a extremidade austral alcançada pela expedição portuguesa de